



Frida Kahlo. 1907-2007. Um olhar de teólogas e teólogos

Editorial

No dia 06-07-2007, celebramos o centenário de nascimento da pintora mexicana **Frida Kahlo** (1907-1954). Sua obra, eivada de dor e beleza, provoca, instiga, atíça a imaginação e nos convida a rever conceitos.

Com o apoio da Prof.^a Dr.^a **Edla Eggert**, docente da Unisinos, e organizadora de uma coletânea de artigos sobre Frida Kahlo, que em breve será publicada, a **IHU On-Line** entrevistou alguns dos pesquisadores que contribuem na obra.

Entre eles, estão **André Musskopf**, da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo; **Cláudio Carvalhaes**, da Union Theological Seminary, na Universidade de Columbia; **Maria Laura Manrique**, da Universidade Iberoamericana do México; e a própria **Edla Eggert**. Conversamos, ainda, com **Marcella Althaus-Reid**, da Universidade de Edinburgo da Escócia; **Vítor Westhelle**, da Universidade Luterana de Teologia de Chicago; **Haidi Drebes** e **Marga Stroher**, esta da Escola Superior de

Teologia - EST, em São Leopoldo, e com a publicitária **Cátia Inês Schuh**.

José Carlos Braga, professor no Instituto de Economia da Unicamp, reflete sobre a atual conjuntura da economia brasileira. Segundo ele, “é possível desenvolver o país em conexão com o resto do mundo e é mesmo necessário. Porém, precisamos ter um ‘projeto de Nação’, a partir do qual essas relações sejam estabelecidas. O que não podemos é ficar à mercê do que os poderes oligopolísticos do mercado determinem, que é a proposta dos cosmopolitas liberais da globalização”.

Dom Hélder Câmara - O santo rebelde, de Erika Bauer, é o filme da semana, que estreou no Rio Grande do Sul durante a realização da 3ª Feira da Economia Solidária do Mercosul, em Santa Maria.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 05 | André Musskopf: Transgressão, implosão, mistura, desconstrução e reconstrução

PÁGINA 10 | Cláudio Carvalhaes: O vestido está pendurado ali, e nós também

PÁGINA 15 | Vítor Westhelle: Frida nos deixa sem jeito

PÁGINA 18 | Edla Eggert: A crítica de Frida à violência naturalizada contra as mulheres

PÁGINA 21 | Marcella Althaus-Reid: Uma estética libertadora

PÁGINA 25 | Maria Laura Manrique: A vida retratada na arte, o maior legado de Frida

PÁGINA 28 | Marga Stroher: Uma arte como devir de vida

PÁGINA 31 | Haidi Drebes: O marxismo trará saúde aos enfermos: Kahlo cumpre seu destino

PÁGINA 34 | Cátia Ines Schuh: “A vida de Frida Kahlo foi extremamente cinematográfica”

B. Destaques da semana

» Brasil em Foco

PÁGINA 36 | José Carlos Braga: “Precisamos ter um ‘projeto de Nação’”

» Filme da Semana

PÁGINA 39 | *Dom Hélder Câmara - O santo rebelde*, de Erika Bauer

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 42 | Destaques On-Line

PÁGINA 44 | Frases da semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 48 | Agenda de Semana

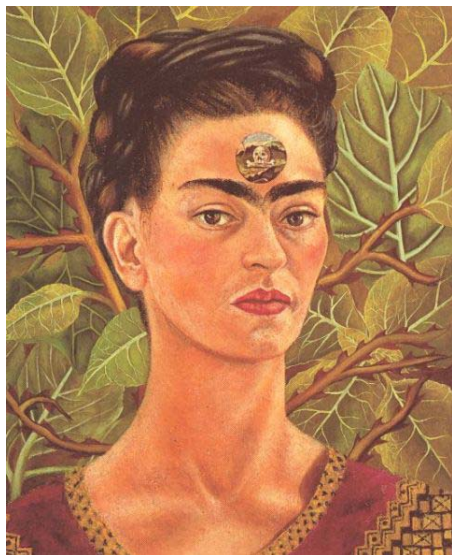
» PERFIL POPULAR

PÁGINA 48 | Grazielle Gonçalves

» IHU REPÓRTER

PÁGINA 50 | Eder Paulo Miotto

Frida Kahlo, vida e obra de mãos dadas



Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón nasceu em Coyoacán, no México, em 6 de julho de 1907. Filha de um fotógrafo judeu-alemão. **Guilherme Kahlo**, e de

uma mestiça mexicana, em 1910 contrai poliomielite, sendo esta a primeira de uma série de enfermidades, acidentes, lesões e operações que sofre ao longo de sua vida. A poliomielite deixou uma lesão em seu pé direito. A partir disso, ela começou a usar calças, depois, longas e exóticas saias, que vieram a ser uma de suas marcas registradas.

Ao contrário de muitos artistas, **Kahlo** não começou a pintura em uma idade precoce. Embora seu pai encarasse a pintura como um passatempo, sua filha não estava particularmente interessada na arte como uma carreira. Frida era uma revolucionária. Ao contrário da elite de sua época, ela gostava de tudo o que era verdadeiramente mexicano: jóias e roupas das índias, objetos de devoção a santos populares, mercados de rua e comidas cheias de pimenta. Fiel ao seu país, a pintora gostava de declarar-se filha da Revolução Mexicana, ao dizer que havia nascido em 1910.

Entre 1922 e 1925, freqüentou a Escola Nacional Preparatória do Distrito Federal do México e assistiu a aulas de desenho e modelado. Em 1925, aprendeu a técnica da gravura com **Fernando Fernandez**. Um

acidente de ônibus nesse mesmo ano deixou-a com lesões permanentes. Era setembro e a pancada foi no meio do ônibus, onde estava sentado o casal. Frida receberia todo o baque do acidente. Ela foi varada por um ferro que lhe atravessou o abdome, a coluna vertebral e a pélvis. Ela sofreu múltiplas fraturas, fez várias cirurgias (35 ao todo) e ficou muito tempo presa em uma cama. O diagnóstico do acidente: “fraturas nas terceiras e quarta vértebras lombares; três fraturas na bacia; onze fraturas no pé direito (o atrofiado); luxação do cotovelo esquerdo; ferimento profundo no abdome (provocado por uma barra de ferro que entrou pelo quadril esquerdo e saiu pela vagina rasgando o lábio esquerdo); pentonite aguda e astite, precisando de sonda durante vários dias”.

Foi nessa dolorosa convalescença que Frida começou a pintar freneticamente, quando a mãe pendurou um espelho em cima de sua cama. Frida sempre pintou a si mesma: “Eu pinto-me porque estou muitas vezes sozinha e porque sou o assunto que conheço melhor”. Ela pintou suas angústias, suas vivências, seus medos e, principalmente, seu amor pelo marido, o pintor mexicano **Diego Rivera**¹.

Em 1928, quando Frida Kahlo entrou no Partido Comunista Mexicano, ela conheceu justamente o pintor muralista **Diego Rivera**, com quem se casaria no ano seguinte. Frida amargou muitas amantes do marido, que foi um reconhecido mulherengo. Mas também viveu romances paralelos com mulheres e homens, o mais famoso com o revolucionário russo **León Trotski**. Apesar

¹ **Diego Rivera** (1886-1957): pintor muralista mexicano. Juntamente com José Clemente Orozco e David Siqueiros, criou o movimento muralista mexicano. Eles acreditavam que só o mural poderia redimir artisticamente um povo que esquecera a grandeza de sua civilização pré-colombiana durante séculos de opressão estrangeira e de espoliação por parte das oligarquias nacionais culturalmente voltadas para a metrópole espanhola. (Nota da *IHU On-Line*)

das traições do marido, a maior dor de Frida foi a impossibilidade de ter filhos (embora tenha engravidado mais de uma vez, as seqüelas do acidente a impossibilitaram de levar uma gestação até o final), o que ficou claro em muitos dos seus quadros.

Sob a influência da obra do marido, adotou o emprego de zonas de cor amplas e simples num estilo propositalmente reconhecido como ingênuo. Procurou na sua arte afirmar a identidade nacional mexicana, por isto adotava com muita freqüência temas do folclore e da arte popular do México.

Entre 1930 e 1933, passaria a maior parte do tempo em Nova Iorque e Detroit com Rivera. Entre 1936 e 1939, o político russo León Trotski viveu em sua casa de Coyoacan, exilado pelo regime soviético.

Em 1938, André Breton¹ qualificaria sua obra de surrealista em um ensaio que escreve para a exposição

¹ André Breton: criador do movimento artístico e literário conhecido como Surrealismo, surgido na França, no início do século XX. Em 1924, André Breton publica o Primeiro Manifesto Surrealista. A sua pretensão é conseguir a escrita automática, o fluxo do subconsciente liberado de todas as pressões sociais e culturais. A influência da psicanálise e das obras de Freud é evidente, e na sua base reside a idéia de conseguir mudar a sociedade. Para isso, a escrita deve ser pura, refletindo unicamente aquilo que pensamos, sem correções nem retificações impostas pela "autocensura" que todos exercemos. (Nota da *IHU On-Line*)

de Kahlo na galeria Julien Levy de Nova Iorque. Não obstante, ela mesma declararia mais tarde: "Acreditavam que eu era surrealista, mas não o era. Nunca pintei meus sonhos. Pintei minha própria realidade".

Em 1939, expôs em Paris na galeria Renón et Colle. A partir de 1943, deu aulas na escola La Esmeralda, no D.F. (México). Em 1953, a Galeria de Arte Contemporânea desta mesma cidade organizou uma importante exposição em sua honra.

Alguns de seus primeiros trabalhos incluem o "Auto-retrato em um vestido de veludo" (1926), "Retrato de Miguel N. Lira" (1927), "Retrato de Alicia Galant" (1927) e "Retrato de minha irmã Christina" (1928).

Quatro anos após a sua morte, sua casa familiar, conhecida como "Casa Azul", transformou-se no Museu Frida Kahlo. Pesquisadores mexicanos descobriram que Frida Kahlo poderia ter sido envenenada por uma das amantes de Diego Rivera. Frida faleceu em 13 de julho de 1954.

Transgressão, implosão, mistura, desconstrução e reconstrução

ENTREVISTA COM ANDRÉ MUSSKOPF

“A pintura de Frida Kahlo incomoda públicos diversos, por diversos motivos, uma vez que ela transgride limites e fronteiras constantemente. Na relação com a Teologia Gay, a pintura de Frida e a própria Teologia Gay incomodam por revelarem contradições e inadequações de um sistema que divide dualística e hierarquicamente segundo padrões de gênero e sexualidade. Incomodam porque desestabilizam, derrubam seguranças fundadas em princípios frágeis e artificiais. Provocam porque não permitem respostas fáceis e exigem reflexão e desacomodação.” A opinião é do teólogo luterano André Musskopf, professor no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia (EST) de São Leopoldo. As declarações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Para compor as perguntas, tomamos em consideração o capítulo La venadita - veadagens teológicas, de autoria de Musskopf, e um dos 13 que comporão a coletânea sobre Frida Kahlo, que está sendo organizada pela Prof^a. Dr^a. Edla Eggert.

Musskopf é pesquisador na área de Teologias GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), Teoria Queer e Estudos de Gênero e Masculinidade. Graduado e mestre em Teologia, pela EST, é doutorando em Teologia na EST. É autor de Uma brecha no armário - propostas para uma teologia gay (São Leopoldo: Sinodal, 2002) e organizador, juntamente com Marga J. Ströher e Wanda Deifelt, do livro A flor da pele - Ensaios sobre gênero e corporeidade (São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2004). A IHU On-Line realizou uma entrevista com Musskopf publicada na 114ª edição, de 06-09-2004, e outra entrevista na edição número 121, de 1º-11-2004, sobre o tema À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay - seus dilemas e possibilidades, apresentado por Musskopf no IHU Idéias de 4-11-2004. O texto está publicado nos Cadernos IHU Idéias número 32, disponível para download no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). Sua contribuição mais recente à IHU On-Line foi na edição 210, de 05-03-2007.



La Venadita

IHU On-Line - Frida Kahlo disse que não pintava sonhos, mas sua própria realidade. Em que medida seus quadros são o retrato de sua vida?

André Musskopf - O processo de tornar-se uma pintora está muito relacionado com o processo de construção da identidade desta mulher. Em sua obra, é possível perceber as mudanças na forma como ela mesma se compreende, e a coragem de assumir o processo de se autoconstruir, oferecendo-se como arte e testemunho. Seguramente, sua vida foi mais rica do que a soma de suas obras, o que em nada diminui a sua força e intensidade, bem como a honestidade e a esperança presentes em seus quadros. Desde pinturas que retratam o ambiente familiar, passando por obras em que são evidentes seu compromisso com a Revolução Mexicana³, com a arte popular e elementos nativos, os lugares por onde passou, as pessoas que conheceu, até os seus auto-retratos (a parte mais conhecida de sua obra), os quadros de Frida Kahlo são ricos na expressão da realidade que ela viveu, da realidade com que ela sonhou e lutou para construir e que poucos puderam compreender na sua época.

IHU On-Line - Como a ambigüidade sexual e as figuras híbridas se expressam em sua obra?

André Musskopf - Embora a imagem mais conhecida de Frida Kahlo seja em seus trajes de *tejuana*, a forma fluida como ela compreendeu e construiu sua identidade sexual e de gênero estão presentes em várias de suas obras. Uma delas é “Auto-retrato com cabelo picado”, na

³ **Revolução Mexicana:** movimento armado, social e cultural iniciado no México em 1910 em função da ditadura do General Porfirio Díaz e que culminaria oficialmente com a promulgação de uma nova constituição sete anos depois, ainda que os surtos de violência continuariam até finais da década de 1920. O movimento teve grande impacto nos círculos operários, agrários e anarquistas em nível internacional, pois a Constituição de 1917 foi a primeira no mundo a reconhecer as garantias sociais e os direitos coletivos dos trabalhadores. (Nota da *IHU On-Line*)

qual veste trajes masculinos e cabelo curto, expressando sua revolta com relação ao caso amoroso de seu marido com a irmã, mas também à forma como transita pelas construções de gênero. Além disso, ela incorpora figuras da cultura e religiosidade popular mexicana como *La Llorona*⁴ e *La Malinche*⁵, com um forte apelo sexual transgressor. A sua relação com a maternidade, embora geralmente se afirme sua frustração devido à impossibilidade de ser concretizada diante de seus vários abortos espontâneos, também reflete uma compreensão fluida e ambígua da sexualidade. A própria construção da *tejuana*, analisada muitas vezes como uma forma de reforçar os padrões femininos da cultura machista mexicana, por uma só vez busca valorizar a cultura popular e os elementos nativos, mas não deixa de refletir uma imagem feminina forte e subversiva.

Já as figuras híbridas, ao mesmo tempo em que incluem a ambigüidade sexual, refletem uma cosmovisão em que o ser humano, no caso a própria Frida, se autocompreende como parte da natureza, do cosmo, e a definição de sua identidade necessariamente interdependente e em relação com o todo. Em obras como “Raíces”, e especialmente, “O veado ferido”, está expressa uma síntese entre elementos diversos inimagináveis numa cultura e numa forma de pensamento dualista e hierárquica.

IHU On-Line - Poderia dar detalhes sobre a relação que você faz entre a postura transgressora de Kahlo

⁴ **La Llorona:** Nome dado no México à “Mulher da meia-noite”, fantasma do folclore mundial. Seu mito possui diversas variantes em várias partes do mundo, mas é na América do Sul que encontram relatos mais variados. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ **La Malinche** (1496-1529): também conhecida como Malintzin e Doña Marina, foi uma indígena (certamente da etnia Nahuatl) da costa do Golfo do México, que acompanhou Hernán Cortés e teve um papel decisivo no auxílio da Conquista do México, uma vez que falava ao menos três línguas. (Nota da *IHU On-Line*)

com a dos "veados" aos quais se refere em seu artigo "La venadita - veadagens teológicas"?

André Musskopf - A obra "O veado ferido" se coloca como um desafio instigante para a produção de um conhecimento gay/queer⁶ no Brasil, especialmente por apresentar em primeiro plano a figura de um "veado", animal associado na cultura brasileira a homossexuais. A partir deste elemento mais "evidente", é possível estabelecer outros paralelos entre esta obra particular e também da história de Frida. No quadro, por exemplo, o veado é traspassado por flechas, numa alusão a São Sebastião⁷, reconhecido no mundo inteiro como ícone gay e assumido como padrão dos homossexuais no Brasil (segundo declaração do Grupo Gay da Bahia - www.ggb.org.br). As flechas também permitem uma associação com a violência sofrida por homossexuais - os veados feridos - como denúncia das diversas formas de violência. A identificação com Frida Kahlo se dá por meio do quadro por se tratar de um auto-retrato, em que ela se apresenta de forma híbrida unindo sua cabeça ao corpo do veado, mas também por meio da forma como ela construiu sua identidade sexual e de gênero, transgredindo os limites rígidos do sistema heterocêntrico.

IHU On-Line - Por que razões você relaciona o veado com o alter-ego de Frida? Em que sentido o veado é o seu "pé direito"?

André Musskopf - Segundo o sistema de crenças asteca, que é um dos sistemas que fundamenta as

⁶ Teoria Queer: desenvolveu-se nos anos 1980, nos Estados Unidos, com a publicação do livro *Gender trouble*, de Judith Butler, que possui um alto grau de influência do filósofo francês Michel Foucault e suas idéias sobre a sexualidade. A palavra queer, em inglês, é uma gíria usada para a referência a homossexuais. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ São Sebastião (256-286): mártir e santo cristão, morto durante a perseguição levada a cabo pelo imperador romano Diocleciano. O seu nome deriva do grego *sebastós*, que significa *divino*. (Nota da *IHU On-Line*)

concepções que Frida Kahlo recria na sua pintura, animais representam o alter-ego das pessoas. Frida tinha vários animais domésticos, que inclusive aparecem em muitas de suas obras, e um destes animais era um veado de nome Granizo. Neste sentido é que o veado (no caso de Granizo e da obra "O veado ferido") pode ser entendido como uma representação do alter-ego de Frida. É também de fontes astecas a relação com o pé direito, pois o veado, neste sistema, corresponde ao pé direito, fonte de dores físicas constantes na vida de Frida, resultante da poliomielite que teve na infância e de um acidente na sua juventude, amputado já no final de sua vida. Assim, na figura do veado (e na obra como um todo), Frida sintetiza vários elementos, sistemas de crença e referência, criando, por sua vez, uma infinidade de associações e relações possíveis.

IHU On-Line - Por que a pintura de Kahlo e a Teologia Gay incomodam, são provocativas? A sociedade ainda não está preparada para elas?

André Musskopf - A pintura de Frida Kahlo incomoda públicos diversos, por diversos motivos, uma vez que ela transgride limites e fronteiras constantemente. Na relação com a Teologia Gay⁸, a pintura de Frida e a própria Teologia Gay incomodam por revelarem contradições e inadequações de um sistema que divide dualística e hierarquicamente segundo padrões de gênero e sexualidade. Por outro lado, em termos proativos, oferecem um outro discurso nesta área que implica a revisão crítica e a reconstrução destes mesmos padrões, um exercício que causa muita ansiedade e medo àquelas pessoas, instituições e discursos seguramente instalados e enquadrados dentro deste sistema que oprime e exclui

⁸ Teologia gay: Sobre o tema, confira a edição 32 dos Cadernos IHU Idéias, de autoria de André Musskopf, *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay - seus dilemas e possibilidades*, disponível para download no site do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da *IHU On-Line*)

não apenas pessoas que pertencem às chamadas “minorias”, mas às próprias pessoas que se sentem seguras dentro destes padrões devido aos supostos privilégios que eles garantem. Neste projeto, não apenas Frida Kahlo e uma Teologia Gay são aliados em potencial, mas todos os movimentos que buscam reconstruir a sociedade e a cultura fundamentados em relações de justiça, igualdade e amor, e que garantam a sustentabilidade da vida na terra. Incomodam quando não se calam, mas expõem a realidade sem esconder ou maquiagem. Incomodam porque desestabilizam, derrubam seguranças fundadas em princípios frágeis e artificiais. Provocam porque não permitem respostas fáceis e exigem reflexão e desacomodação.

IHU On-Line - Que relações são possíveis de se estabelecer entre os sofrimentos de Kahlo e dos homossexuais em nossos dias?

André Musskopf - Os sofrimentos de Frida Kahlo são muitos, e resultado de razões diversas. Mas eles nunca transformaram Frida em vítima do destino. Da mesma forma, a exclusão e marginalização não devem ser, no caso de homossexuais, motivos de vitimização, mas de mobilização para transformação da realidade que oprime e exclui, assim como temos visto no Brasil e no mundo inteiro, com o avanço na legislação e a conquista de direitos que garantem a cidadania pelo Movimento GLBT⁹. Por outro lado, Frida Kahlo e seu trabalho, foram pouco reconhecidos antes de sua morte. Vários/as analistas tem mostrado que sua arte tornou-se palatável quando tornada exótica e valorizada pela sua excentricidade, pelas cores, pelo estilo vivo e alegre lembrando a cultura mexicana e latino-americana, e não

⁹ Movimento GLBT: Movimento dos Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros. Embora se refira a apenas quatro, a sigla é utilizada para identificar todas as orientações sexuais minoritárias e manifestações de identidades de gênero divergentes do sexo designado no nascimento. (Nota da *IHU On-Line*)

pelo seu caráter questionador e explosivo (como afirmou André Breton). A crítica social, política, cultural e religiosa contida na obra de Frida Kahlo, mesmo nos quadros que refletem a sua intimidade e identidade pessoal, precisaram ser domesticadas para que elas se tornassem um produto do mercado artístico global. Aí sua obra passou a ser apenas o retrato de sofrimentos individuais e domésticos que provocam emoções e comoções ao/à observador/a. O mesmo risco corre a comunidade GLBT, quando seus sofrimentos, sua marginalização, são assimilados num sistema social que permite a inclusão através de adequações que garantem uma inclusão fundamentada no seu poder de consumo e no seu potencial de diversão, ao invés de questionar o sistema em suas raízes e que segue oprimindo e marginalizando milhões, de diversas formas e utilizando diversos motivos. A arte de Frida tem o potencial de relacionar-se com a comunidade GLBT por sua ambigüidade sexual, pelo seu questionamento das normas sociais de gênero e sexualidade, pelo sofrimento que é fruto da transgressão de muitas destas normas, mas, principalmente, por permitir vislumbrar uma outra sociedade, e dar um testemunho visível da luta por esta sociedade.

IHU On-Line - Por que Frida transgride, implode, mistura, desconstrói e reconstrói os padrões do masculino e do feminino? Que contribuições essa postura da pintora mexicana oferece aos homossexuais?

André Musskopf - Porque Frida não reconhece os limites de gênero e sexualidade socialmente estabelecidos e sancionados. Sua posição é transitar entre as fronteiras e ela o faz em diversos âmbitos. Ela mesma negou qualquer tentativa de definir seu estilo de pintura. Ela pinta o universo mexicano, ao mesmo tempo em que transcende fronteiras de nacionalidade. Ela mistura elementos de tradições religiosas e culturais

diversas, sem preocupação com cânones ou dogmas. Da mesma forma, o masculino e o feminino são fluidos tanto em seu corpo como em sua obra. Tais atributos, inclusive, perdem seu sentido quando relacionados com ela. Ela pode ser mulher, pode ser homem, pode ser planta, fruta, animal, ela pode ser duas (como na pintura “As duas Fridas”). Neste sentido, ela se relaciona com a crítica da comunidade GLBT (ou pelo menos parte dela) aos mesmos padrões de gênero e sexualidade que determinam construções aceitáveis e invalidam e invisibilizam outras formas de construção, ao mesmo tempo em que se coloca como elemento crítico às posturas assimilacionistas facilmente adotadas por segmentos da comunidade GLBT, que reificam padrões rígidos e discriminatórios, esquecendo muito facilmente as consequências da aceitação artificial numa sociedade heterocêntrica e capitalista.

IHU On-Line - Poderia aprofundar sua afirmação contida no seu artigo supracitado sobre a pintura de Kahlo utilizar o estilo dos “exvotos” ou “retablos”? O que isso significa?

André Muszkopf - Frida Kahlo utiliza vários elementos da cultura e religiosidade popular mexicana. Um destes

exemplos é a utilização da “técnica” ou costume dos *exvotos* ou *retablos*, que são desenhos feitos em pequenos pedaços de metal que exprimem gestos de gratidão por graças alcançadas. Ao utilizar este modelo para dar forma a sua arte, Frida insere sua pintura no universo religioso popular mexicano, colocando as temáticas que aborda no universo sagrado. Na tentativa de diálogo teológico com sua arte, este é um elemento fundamental, especialmente quando se busca uma teologia que esteja enraizada na realidade concreta das pessoas, seus conflitos, dilemas, prazeres e suas paixões. A teologia deixa de lidar com elementos miraculosos e mágicos, relacionados com um outro mundo para além do presente e universalizante, para perceber a presença do sagrado na concretude da vida, no cotidiano ordinário em que as pessoas lutam pela sobrevivência e por uma vida digna. Da mesma forma, uma teologia gay/queer, questionando e analisando criticamente uma histórica negação do corpo e da sexualidade, insere estas questões na construção teológica, negando concepções pecaminosas e impuras, colocando-as no âmbito da experiência do e com o sagrado, sem espiritualizá-las, tornando-se, assim, uma teologia relevante para a vida das pessoas.

O vestido está pendurado ali, e nós também

ENTREVISTA COM CLÁUDIO CARVALHAES

*“Penso a idéia de um vestido uma metáfora fascinante, teologicamente falando. Imaginar Deus no vestido de Frida é imaginar Deus na fronteira de todas as coisas, nas situações limítrofes, no des/refazimento de Deus e de nós mesmos. O vestido dela nos ajudaria a pensar melhor um Deus encarnado, que vive na história e se veste como mulher, ou que nem os pobres”, afirmou o teólogo Cláudio Carvalhaes, analisando o quadro *Meu vestido está pendurado ali*, de Frida Kahlo. Ele enfatiza: “Todos nós vivemos entre fronteiras, todas elas construídas para nós e também por nós. O que somos, não somos, ou ainda haveremos de ser, estará sempre dependurado em situações limítrofes em que as ambigüidades estarão sempre presentes”. A entrevista foi concedida por Carvalhaes via e-mail, quando de sua estadia no Brasil, respondendo às questões elaboradas pela IHU On-Line sobre seu artigo “O meu vestido está ali pendurado, e nós também”, um dos treze textos que comporão a coletânea sobre Frida Kahlo, em fase de organização pela Prof.^a Dr.^a Edla Eggert.*



My dress hangs there

*Carvalhaes é graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Independente Presbiteriano e especialista em Estudos em Ecumenismo no Instituto Ecumênico de Bossey, em Genebra, Suíça. cursou mestrado em Teologia e História pela Universidade Metodista de São Paulo e doutorado em Filosofia pela Union Theological Seminary, em Nova Iorque, escola afiliada à Universidade Columbia. Atualmente leciona no Louisville Presbyterian Theological Seminary, em Kentucky, Estados Unidos. Escreveu a obra *Religião, performance e arte (Emblema Ideas: São Paulo, 2005)*. Para maiores informações, consulte o site www.claudiocarvalhaes.com.*

IHU On-Line - Por que o quadro de Frida Kahlo “Meu vestido está pendurado ali” não recebeu a mesma atenção que suas outras obras?

Cláudio Carvalhaes - Não sei exatamente. Talvez porque esse quadro não tenha a figura dela, que sempre foi tão marcante em sua obra. Entretanto, acho que pode ter sido o fato de que este quadro tem como referência

um “vestido”, o que nunca atraiu muito a crítica, até tempos atrás massivamente masculina. O que esses homens vão fazer com um vestido? Tanto é que, das análises desse quadro que eu pesquisei, a maioria foi feita por mulheres.

IHU On-Line - Como e por que as revistas americanas *Elle* e *Vogue* transformaram o estilo de Kahlo, apagando seu significado político e convertendo-o num objeto a ser consumido? O que esse paradoxo revela sobre a interpretação contemporânea da padronização a que as mulheres se submetem?

Cláudio Carvalhaes - Essa é uma pergunta difícil. A obra de Frida nunca teve tanto valor comercial. Foi somente nos final dos anos 1980 e começo dos 1990 que seus quadros tornaram-se mais famosos a ponto da Sothebys, de Nova York, vender um deles por mais de 1 milhão de dólares. Houve todo um processo de massificação de sua obra o que resultou num filme que ganhou dois Oscars (“Frida” de Julie Taymor). *Vogue* e *Elle* foram pontos de passagem nesse processo. Não quero comentar o filme, mas para que as revistas pudessem vender Frida, elas tiveram que glamourizá-la e transformá-la em objeto de consumo a ponto de torná-la palatável e consumível para os padrões norte-americanos. Mas essa coisa de tentar “americanizar” Frida (que era americana do México) já era coisa antiga. Quando Frida ainda era viva, já havia uma tentativa das mulheres nos Estados Unidos de imitar o seu estilo de se vestir. Seus vestidos, seus ornamentos, seu cabelo, tudo era maravilhoso e impressionante. Em meio a essas tentativas, Frida mesmo vai dizer como era ridículo ver essas mulheres tentando imitá-la. *Vogue* e *Elle* vão então tentar padronizá-la a partir da necessária despolitização da sua vida e obra. Com certeza, as leitoras dessas revistas não se interessariam pelas posições marxistas/stalinistas de Frida e pelo seu compromisso com a cultura pré-colombiana. Assim, para

que Frida se tornasse consumível, ela virou moda. Modelos magérrimas com vestidos sensuais e cabelos trabalhados, colocadas em interiores de casas interioranas rústicas e bonitas em meio a flores naturais faziam a personificação de uma Frida que nunca existiu. Toda a crítica e a luta política e existencial da pintora foram temporizadas pela leitura simplista de uma mulher que lutava pelo seu amor com Diego Rivera. Além disso, seu romance com Trotsky¹⁰ não cairia bem para as donas de casa norte-americanas.

Você está certa quando diz que esse processo fez parte de uma certa forma de padronização da visão de mundo das mulheres norte-americanas. O viés apolítico dessa leitura de Frida nunca levou em conta seu compromisso com as mudanças políticas e sociais de seu país, sua crítica aos Estados Unidos, sua ligação com o pensamento comunista, seu vínculo com comunidades de mulheres mais pobres, com a recuperação das culturas pré-colombianas e mesmo com os problemas existenciais tão fortemente marcados nos quadros de Frida.

Os vestidos de Frida nunca foram vistos como referências sócio-político-culturais, mas sim como opções de estilo, de moda. O paradoxo se mostra claro nas escolhas interpretativas da obra de Frida. O que essas revistas fizeram foi não somente contemporizar, mas negar o difícil, o doído, o complicado, o ruim de ver, o incompreensível de Frida. O desanuviamento das dificuldades do trabalho de Frida deu lugar a uma simplificação padronizadora não só de sua obra, mas também das mulheres que leram sobre Frida e da “moda” que ela (nunca) lançou.

¹⁰ Leon Davidovich Trotsky (1870-1940): revolucionário bolchevista e intelectual marxista, político influente na União Soviética. Foi expulso do Partido Comunista e deportado da União Soviética. Foi assassinado no México por um agente soviético a mando de Stalin. Frida Kahlo e Diego Rivera hospedaram Trotsky em sua estadia no México. (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line - Essa interpretação redutora foi feita a partir da afirmação de Breton? Por quê?

Cláudio Carvalhaes - Não, essa interpretação não foi feita a partir de Breton. O que eu quis dizer no artigo é que a interpretação redutora de Frida em solos norte-americanos era como se ela fosse somente a fita que envolve uma bomba, sem a força simbólica da “bomba”. Em outras palavras, era como se a obra de Frida tivesse “somente” beleza, e não força desestruturadora, de bomba mesmo. Pois imagine se uma mulher, artista e stalinista, seria interpretada como tal em solos americanos. Jamais! Então, “sim” à Frida feita de fita decorativa, ou seja, aos seus vestidos descomprometidos, seus ornamentos sem vínculos, seu cabelo preso. E “não” à “Frida bomba”, ou seja, às estruturas desestabilizadoras da política e da vida que sua obra traziam. Nesse sentido, a definição de Breton pode ser muito interessante na análise da obra dessa artista. .

IHU On-Line - Poderia explicar como a questão das fronteiras entre México e EUA e a formação de uma identidade nacional mexicana constituem preocupações de Frida?

Cláudio Carvalhaes - A fronteira entre o México e os Estados Unidos sempre foi um assunto visceral para os dois países. Não podemos nos esquecer que os Estados Unidos “roubaram” muitas terras que eram do México, ampliando, assim, suas próprias fronteiras. Frida percebia a tensão da proximidade entre os dois países e via na fronteira uma situação concreta se desenhando e influenciando em muito a vida e a identidade mexicanas. Como já falei acima, o que está em jogo nos quadros que ela estabelece a relação fronteira entre os dois países é a descrição dessa relação e talvez uma pergunta acerca de quem é e o que está ali. Muito embora sua visão estabeleça uma relação binária, excludente até, as fronteiras que Frida pinta são móveis, inter-relacionadas, complicadíssimas, e abertas não ao mero acaso das

coisas, mas a um futuro em que a luta política deveria direcionar. Em dois de seus quadros, a fronteira é ela mesma, uma vez em um vestido cor de rosa e no quadro sobre o qual eu escrevo, somente um vestido dela pendurado entre esses dois países. Isso mostra, ao meu ver, a presença híbrida dela, feita da mistura de ambos os países, sem negação absoluta de um e/ou afirmação de outro, mas de uma composição de elementos que se forma e se alteram. Contudo, é preciso dizer que suas fidelidades, seu amor e seus compromissos estavam todos ligados ao México, sua história e seu povo. Para Frida, é nessas fronteiras que a identidade mexicana estava imbricada e precisava ser definida e desenvolvida.

IHU On-Line - Como o “vestido pendurado” de Frida ajuda a ressignificar a questão das fronteiras e criar ambigüidades, ambivalências, e a borrar os limites?

Cláudio Carvalhaes - O vestido pendurado é uma figura maravilhosa para complicar as questões das fronteiras. Seu vestido continua pendurado ali, lembrando-nos que nós mesmos, e aquilo que carregamos no corpo, está sempre em jogo, em constantes re-definições. Nesse quadro, o vestido dela não traz o corpo dela. Este está ali só, pendurado por uma fita frágil entre dois símbolos fortes, uma privada do lado do México e um troféu de esportes no lado dos Estados Unidos. Há tanta coisa para se ver somente aí, nessa “penduração” do vestido. O que seu vestido estará fazendo ali sem ela em meio a um turbilhão de coisas? Seria absurdo dizer dos corpos invisíveis dos pobres pendurados ali no meio de tudo isso? Ou da estultícia, força, e mesmo da sensação de enjôo e tonteira diante de tantas coisas inter-relacionadas e interconectadas no quadro que mal conseguimos captar? A vida é tudo e tudo junto, é um mundo acontecendo entre os fios de telefone, as passeatas populares, os jogos esportivos, as colagens de eventos, a tensão constante entre o novo e o não novo, em meio à “força da grana que ergue e destrói coisas belas”, e nossas

identidades estão dependuradas em meio a esse “rodemunho” de coisas todas. Todos nós vivemos entre fronteiras, todas elas construídas para nós e também por nós. O que somos, não somos, ou ainda haveremos de ser, estará sempre dependurado em situações limítrofes, em que as ambigüidades estarão sempre presentes. Pois temos que nos lembrar que não há limites puros, claros, purificados em nenhuma identidade fixa, seja ela, sexual, política, cultural, social, ou mesmo econômica. Estamos todos borrados, tortos, em processo de des/re/fazimento.

IHU On-Line - Por que você afirma que seus vestidos atravessam fronteiras políticas, religiosas, culturais e sexuais?

Cláudio Carvalhaes - Pelo que disse acima. Acredito que não há como ver os vestidos de Frida como dizendo uma coisa só acerca de um assunto único. Seus vestidos pertencem a uma mulher híbrida, que carrega em seus vestidos referências sexuais, talvez não tão claras, culturas distintas de comunidades pré-colombianas misturadas, de religiosidades sincréticas entre essas culturas e o catolicismo europeu, de posições políticas que vão contra a corrente de pensamento político dos Estados Unidos.

IHU On-Line - Em que essa autenticidade transgressora de Kahlo pode inspirar as mulheres e os grupos oprimidos na busca de liberdade e autonomia?

Cláudio Carvalhaes - De diversos modos. Começando pela roupa, por exemplo. Há nos vestidos de Frida um elemento de manutenção de valores que vai para além do turístico e do exótico, para se encaixar dentro das resistências políticas. Isso acontece em todo lugar. Pegue nossas festas populares aqui no Brasil: as roupas trazem muita informação da história, de lutas, experiências e

resistências. Veja-se a “Irmandade da Boa Morte”¹¹ em Cachoeira, na Bahia, por exemplo. Os vestidos das mulheres negras trazem uma longa história de luta e resistência política, religiosa e cultural contra a escravidão. Trata-se de uma coisa linda. Os vestidos delas trazem a história do nosso país, da luta pela vida, o samba de roda, a nossa identidade sendo negociada, mantida e refeita. Frida transgrediu quando resolveu desenhar o torto, o esquisito, a dor, com formas e cores fortes demais, coisas que foram, de algum modo, negadas no mundo das “belas artes”.

Frida pode ajudar demais na luta das mulheres. As mulheres sempre tiveram suas histórias e seu lugar negados. O que as mulheres têm hoje, em nossa sociedade, é fruto de longa e cruenta luta histórica. Como disse Simone de Beauvoir¹², “você não nasce mulher, torna-se mulher”. Frida refletiu sobre o mundo feminino a partir de uma ampla perspectiva, com seus vestidos e ponto de partida entre as mulheres e as comunidades oprimidas de seu país. Acho que seus temas, compromissos e luta podem nos ajudar a buscar caminhos e trazer à cena tudo aquilo que historicamente nós escolhemos não ver, como os negros, as mulheres e os pobres em geral.

IHU On-Line - Poderia dar mais elementos sobre sua afirmação contida no artigo supracitado de que Frida Kahlo nos proporciona uma poderosa ferramenta teológica: um vestido, uma localização - ali?

Cláudio Carvalhaes - A Teologia é feita, entre outras coisas, de metáforas. Ninguém pode falar de Deus com absoluta certeza ou total convicção. Fazemos de conta que acreditamos em tudo que dizemos acreditar e essas

¹¹ Irmandade da Boa Morte: confraria religiosa afro-católica brasileira. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² Simone de Beauvoir (1908-1986): escritora, filósofa existencialista e feminista francesa. Ligou-se pessoal e intelectualmente ao filósofo francês Jean-Paul Sartre. (Nota da *IHU On-Line*)

certezas são importantes. Contudo, podemos somente falar de Deus pelas beiradas, por viés, pelas encostas do que imaginamos, esperamos e buscamos em relação com os discursos religiosos feitos na história. No entanto, penso a idéia de um vestido como uma metáfora fascinante, teologicamente falando. Imaginar Deus no vestido de Frida é imaginá-lo na fronteira de todas as coisas, nas situações limítrofes, no des/re/fazimento dEle mesmo e de nós mesmos. O vestido dela nos ajudaria a pensar melhor um Deus encarnado, que vive na história e se veste como mulher, ou como os pobres. Além do mais, a localização do vestido no quadro de Frida é fundamental, porque o “ali” do quadro dela, que ela mesma nomeia “Meu vestido está pendurado ali”, não está num lugar próprio nem é definível. O “ali” está na junção de várias intersecções, confundindo nossos mapas e sentidos de direção. É como o que os Cristãos chamam do Espírito, que é o movimento de Deus que não pára quieto em lugar nenhum: Ele vem daqui, vai pra lá e nos reconduz ao lugar onde precisamos atender e estar. O ali é onde é preciso estar e cada comunidade deve estar atento ao vento para saber de que ponto as franjas do vestido nosso/de Deus estão nos chamando. E, por fim, o fato de estar pendurado é crítico para nossos compromissos políticos, sociais e teológicos. Quem está pendurado hoje no mundo são os pobres, um contingente de pessoas que não têm chão pra pisar. Cerca de uns três anos atrás, em Nova York, havia um grupo de teatro que encenou uma peça na qual os atores nunca pisavam no chão, numa situação aflitíssima de constante mobilização. Pois acredito que assim estão nossos meninos e meninas brasileiros que vagam pelas ruas sujas de nossas cidades. Vagam pelo mundo, de farol em farol, em meio à exploração sexual e física e total abandono. Aqui no Pelourinho¹³ as crianças não pedem mais

¹³ Pelourinho: centro histórico da cidade de Salvador, no estado da Bahia, Brasil. Maior conjunto barroco fora da Europa, o Pelourinho estende-se desde o Terreiro de Jesus até o Largo do Pelourinho, onde

dinheiro; eles pedem comida. Ontem mesmo, umas 15 crianças me pediram algo pra comer dizendo: “Tio, não estou pedindo dinheiro não; vá ali e compre um pão ou uma quentinha pra mim...”. Quando ouço isso, me sinto dependurado, com meus sentimentos todos esgarçados, no “rodemundo” de um mundo que não consigo entender. Eu que tenho tudo pra me fincar sólido no chão da vida. O vestido de Frida me lembra que, assim como Jesus ficou pendurado “lá” naquela cruz, nossas crianças estão penduradas no brejo da cruz também e aí, ou melhor, “ali”, onde eles estão, o vestido, o Espírito e a religião podem fazer algum sentido.

outrora se localizava o monumento que deu nome àquela região da cidade. (Nota da *IHU On-Line*)

Frida nos deixa sem jeito

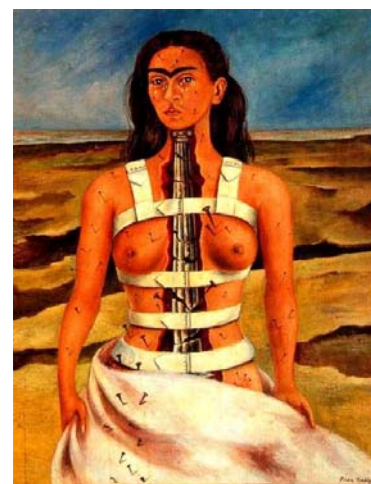
ENTREVISTA COM VÍTOR WESTHELLE

“Frida Kahlo é cultura como transgressão de domínios. Sua pintura, sua escrita e sua culinária estão de tal modo imbricadas que escapam dos cânones das disciplinas bem comportadas. Por isso, caracterizá-la já é uma impossibilidade; algo assim como explicar um poema.” A análise é do teólogo Vítor Westhelle, professor de Teologia Sistemática na Escola Luterana de Teologia de Chicago, Estados Unidos. Sobre a cozinha da pintora mexicana, pontua, “é uma alegoria”. E completa: “Frida nos deixa sem jeito”. A íntegra das afirmações pode ser conferida a seguir. A entrevista foi concedida por e-mail e reflete o artigo Santa Frida com aura e aroma, escrito por Westhelle para compor a coletânea sobre Frida Kahlo, em fase de organização pela Prof.^a Dr.^a Edla Eggert.

Westhelle é graduado em Teologia pela Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), em São Leopoldo, mestre e doutor em Teologia pela Escola Luterana de Teologia de Chicago. De seus vários livros publicados, citamos o mais recente The scandalous God: the use and abuse of the Cross (Minneapolis: Fortress Press, 2006), cuja versão portuguesa sairá nos próximos meses pela Editora Sinodal, de São Leopoldo.

IHU On-Line - Como caracterizaria a pintura, a escrita e a cozinha de Frida Kahlo? O que elas revelam sobre seu estilo e a valorização de sua cultura?

Vítor Westhelle - Assim como Frida escrevia com seus olhos, olhava com sua cozinha, escrevia com sua pintura e amava com um corpo rompido e que se rompia por amor (ela disse a Diego que havia sofrido dois acidentes: um foi com o ônibus em que se acidentou e o outro foi ter se envolvido com ele; e o segundo teria sido pior). Frida Kahlo é cultura como transgressão de domínios. Sua pintura, sua escrita e culinária estão de tal modo imbricadas que escapam dos cânones das disciplinas bem



Coluna Rota

comportadas. Por isso, caracterizá-la já é uma impossibilidade; algo assim como explicar um poema.

IHU On-Line - Nos livros de culinária de Frida Kahlo, qual é o traço que mais chama a atenção nas receitas apresentadas?

Vítor Westhelle - É o exótico das deslumbrantes e inusitadas combinações: pratos com carnes e frutos do mar acompanhados com verduras, junto a limões recheados com coco, e arroz em cores verde, branco e vermelho. Há sempre algo de doce nos pratos, azedo no aperitivo e apimentado na sobremesa. Sua cozinha é uma alegoria; é sempre sobre algo diferente ou distinto;

descreve-a assim como ela pinta o seu diário.

IHU On-Line - Como arte e política se misturam em suas composições? Que tons, aromas e sabores se sobressaem?

Vítor Westhelle - Walter Benjamin¹⁴, um contemporâneo de Frida Kahlo, dizia que o fascismo era a estetização da política, como ainda o é. O mérito de Frida Kahlo foi distinguir sua “apresentação” da representação que dela se faz e que ela mesma fez. É precisamente esta distinção que Frida logra manter. Ainda que ela seja politicamente reproduzível, jamais se esgota. Podia fazer amor com Trotsky e no mesmo quarto monumentalizar Stalin. Ela não se “explica”. Para Frida, *poiesis* e *praxis*, arte e política eram coisas distintas, ainda que intimamente relacionadas. Assim como não se entregou à arte pela arte, tampouco rendeu sua arte à política. Este é seu gênio.

IHU On-Line - Como a arte de Frida ajuda a valorizar e revitalizar as culturas fora do eixo Primeiro Mundo?

Vítor Westhelle - O que André Breton disse sobre o surrealismo ser nativo do México na obra de Kahlo, Alejo Carpentier¹⁵ disse sobre o real maravilhoso. A diferença não é apenas conceitual. Sua obra é uma exposição do real que é ela mesma. Daí sua importância. Ela não pertence ao Primeiro ou ao Terceiro Mundo. Sua politização da arte, que, aliás, fazia até com deboche,

¹⁴ Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão crítico das técnicas de reprodução em massa da obra de arte. Foi refugiado judeu alemão e diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁵ Alejo Carpentier (1904 - 1980): escritor cubano. De pai francês e mãe russa, Carpentier reflete essa circunstância no seu cosmopolitismo. Nos anos 1930, publica *Pasión negra* (poemas) e *Ecué Yamba-O* (romance). Após um longo silêncio, em 1948 publica *El reino de este mundo*, romance em que capta o realismo mágico do continente americano, baseando-se numa intriga referente ao primeiro imperador negro do Haiti. (Nota da *IHU On-Line*)

resiste à estetização da política, seja ela qual for. Sua personalidade contraditória, suas múltiplas fidelidades e infidelidades jamais se alinham em um eixo.

Mercantilizada e politizada como tem sido e como ela mesma o fez, dura só até um desconcertante encontro mais aproximado. Frida nos deixa sem jeito.

IHU On-Line - O que mais lhe toca na obra “Coluna quebrada”? Por que analisar esse quadro e o que ele revela sobre o momento em que foi composto na vida da pintora?

Vítor Westhelle - A idéia inicial que me atraiu era o de explorar a hibridez do orgânico e do arquitetônico. Isto ainda vale outro texto. O que apresentei e achei mais imediato foi seu quebranto. O que me interessou finalmente foi a ambivalência do terapêutico e do trauma. É importante lembrar que este quadro foi pintado em 1944, no ano em que a saúde de Frida entra em rápido declínio. Ainda assim, ou por isso mesmo, há uma indecisa conflagração entre o trágico e o sacrificial. Aliás, é esta indecisão que faz Frida tão avessa a reproduções, muito embora seja isso que dela amiúde temos.

IHU On-Line - Poderia dar mais detalhes sobre sua afirmação de que a coluna quebrada exposta no quadro de Frida simboliza a coluna grega e, portanto, a decadência da civilização ocidental? A fratura de Frida nessa obra é uma metáfora para a fratura de nosso mundo?

Vítor Westhelle - Em uma entrevista, Jacques Derrida¹⁶ confessou que, não obstante seu afã desconstrutivo, não se pode escapar da metafísica. Falava ele da tradição filosófica ocidental que remonta aos clássicos gregos. Frida Kahlo, meio século antes disse o mesmo nesta gravura: a civilização ocidental, do qual ela é herdeira e dissidente, é a coluna rota que a sustém em lágrimas de um irremediável quebranto.

IHU On-Line - O que você quer dizer com a afirmação de que a beleza de Frida está em expor sua dor como está exposta sua coluna?

Vítor Westhelle - Para Frida, “expor” era um verbo intransitivo. Se havia, como houve, um objeto (um cerdo, uma coluna, lágrimas, duplicidades, cordões umbilicais, frutas, Diegos e micos) era ocasional. Era apenas a oportunidade que se lhe oferecia para expor. Ponto. Na tradição mística, há esta idéia de que alma tem dois olhos, um que vê, como vemos, a superfície das coisas, e outro que vê a essência. Quando Frida representava um terceiro olho, era isso que buscava. Mas nele aparecia apenas Diego Rivera. Era o seu segundo olho que expunha a verdade e a realidade de Frida, apesar dela mesma. É este segundo olho que lhe dava a visão que tinha, mas apenas visível pelas lentes de suas lágrimas.

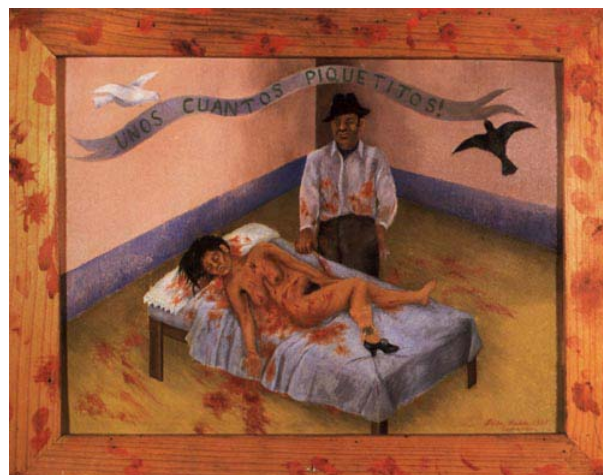
¹⁶ Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (1973); *L'Ethique du don* (1992), *Demeure, Maurice Blanchot* (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998) e *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004. (Nota da *IHU On-Line*)

A crítica de Frida à violência naturalizada contra as mulheres

ENTREVISTA COM EDLA EGGERT

*Na entrevista a seguir, feita por e-mail para a IHU On-Line, a pedagoga Edla Eggert, professora da Unisinos, relaciona a obra *Uns quantos piquetitos*, de Frida Kahlo, com a violência naturalizada à qual as mulheres daquela época e de hoje foram e são vítimas. Segundo ela, “em muitas situações, os golpes continuam sendo violentos. Em outras situações, esses golpes são mais sutis, mas continuam existindo”. Em seu ponto de vista, a construção misógina da sociedade só será desconstruída através do processo educativo. Eggert é graduada em Pedagogia pela União das Escolas Unidas do Planalto Catarinense (Uniplac), mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) de São Leopoldo. As questões a seguir foram baseadas no artigo inédito *A apatia de quem olha: a violência naturalizada*, escrito por Eggert e que fará parte da coletânea sobre Frida Kahlo, que está organizando.*

*Em 14-08-2003, Eggert apresentou o IHU Idéias intitulado *Pomeranas, parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular*, e em 6 de março daquele ano o IHU Idéias *História da participação das mulheres: desafios e impasses*. Na ocasião, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, a professora Eggert, junto com a professora Clair Ribeiro Ziebell, refletiu sobre a questão de gênero. O texto desta apresentação foi publicado nos Cadernos IHU Idéias nº 2, *O feminismo ou os feminismos: uma leitura das produções teóricas*. Em 08-03-2007, Edla apresentou o IHU Idéias *Frida Kahlo, as mulheres e a solidariedade que se estabelece pela dor*. É autora de *Educação popular e teologia das margens (São Leopoldo: Sinodal, 2003)*.*



Unos cuantos piquetitos

IHU On-Line - Relate algo sobre seu interesse em analisar o quadro “Uns quantos piquetitos”, e como o relaciona com a violência naturalizada a que as mulheres estão expostas?

Edla Eggert - O interesse em analisar o quadro “Uns quantos piquetitos” surgiu a partir do momento em que eu vinha pesquisando sobre o tema da violência doméstica e da educação das mulheres para naturalizá-la. O quadro de Frida me caiu como uma luva, e mais ainda os comentários que li sobre o modo como esse quadro foi surgindo. O entorno de uma criação é fundamental para entender seu processo. No meu caso, como pedagoga, é isso que me interessou - o modo pelo qual a criação se efetivou. É vital pensar na arte como denunciadora de violências naturalizadas. Uma arte que faça impactar que é o que acontece ao vermos “uns quantos piquetitos”.

IHU On-Line - A mulher representada nessa obra é uma metáfora de Frida e das mulheres mexicanas? Por quê?

Edla Eggert - É uma metáfora dela mesma, das mulheres mexicanas e pode-se dizer das mulheres em geral: é uma violência universal. Essa violência visível dos cortes, dos roxos, dos cabelos arrancados, das mordidas, da morte. Mais ainda: é o olhar frio e gestor de violências simbólicas retratado na postura do homem impassível a observar a cena produzida. E por quê? A história é longa e generosa nos exemplos sobre os porquês das diferenças de gênero serem tomadas como inferioridades. As diferenças produziram uma ordem de culpa, por exemplo na tradição judaico-cristã, bem como as diferenças de gênero produziram uma ordem de incapacidades e inferioridades na tradição filosófica greco-romana que, somadas à tradição judaico-cristã, foram relidas no evento do iluminismo através da ciência. E, portanto, foram recriadas e se mantêm produzindo violências de todas as formas. A mais visível é

essa representada em obras como a de Frida, a violência física, que é o auge das outras fomentadas em dimensões e graus diferenciados.

IHU On-Line - Em que sentido essa obra expressa a atitude das instituições frente às mulheres?

Edla Eggert - Eu vejo pelo menos dois sentidos muito fortes. O primeiro é a ironia da faixa que anuncia a notícia lida por Frida sobre aquele assassinato. O homem disse ao se defender perante o juiz que aquilo que ele havia feito eram apenas uns golpezinhos - com a idéia de fundo implícita: era só pra dar um susto! E, o outro sentido, no meu entendimento, que essa obra expressa, é o modo como o homem “fala” na postura do seu corpo. É uma denúncia da imobilização institucional. Consigo ver naquele homem o próprio sistema jurídico, às vezes ainda impassível. Consigo ver a Igreja, a escola, muitas e, muitas vezes, a própria família, e os vizinhos impassíveis à velha atitude do dito popular: em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher.

IHU On-Line - A arte de Frida era uma denúncia desse cotidiano banalizado?

Edla Eggert - Acredito que sim. Quando se estuda um pouco mais a biografia dela, vislumbra-se a solidariedade que existia entre ela e o povo mexicano. Trata-se de uma cumplicidade entre a arte popular e o povo. Neste, mesclam-se, profundamente, as mulheres que compuseram a vida de Frida.

IHU On-Line - Qual é a atualidade desse quadro frente à situação das mulheres de nossos dias? A que “golpes” as mulheres do século XXI continuam expostas?

Edla Eggert - A atualidade é que todos os dias, quando abrimos os jornais, lemos alguma notícia que já está naturalizada: uma mulher morta pelo marido ou namorado, isso sem falar dos estupros. De maneira que a

mulher ainda está longe de ser considerada, respeitada, pelo simples fato de ser mulher. O direito de ir e vir ainda é uma conquista diária. O processo de autorizar-se responsável por seus atos da mesma forma, a autoria de si mesma na produção do conhecimento segue sendo um desafio. Enfim, o século XXI está repleto de interrogações, mas está muito mais aberto ao debate que desestruturou um modo de ser mulher e de ser homem, abrindo espaço para outras possibilidades de pensar o ser humano e sua condição humana. Em muitas situações, os golpes continuam sendo violentos. Em outras situações, esses golpes são mais sutis, mas continuam existindo.

IHU On-Line - Você afirma que a partir de 1935, Frida abre-se a outras relações amorosas e lida de outra forma com o casamento. Como essa postura se anuncia em sua arte e em sua vida?

Edla Eggert - Digamos que é uma postura que identifico como mais autônoma. Ela passa a se colocar mais. Prepara exposições e se apresenta como ela, por ela mesma. É isso que faz com que as pessoas se assustem e/ou se admirem com ela.

IHU On-Line - Em seu artigo, você relaciona “uns quantos golpes” à política discriminatória e misógina da sociedade. Quais são as perspectivas de que essa relação privada se torne pública e que, por outro lado, seja superada?

Edla Eggert - Não acredito que somente pela lei nós teremos realizado a superação. Creio que precisamos desse aporte. Contudo, a construção misógina somente será desconstruída por meio do processo educativo. É preciso uma política pública, sim, mas uma política que se infiltre, que mine de fato o modo como ainda estamos olhando para o que temos construído na sociedade em que vivemos. O modo como os meninos são educados a serem homens e o modo como as meninas são educadas para serem mulheres vem mantendo essa política discriminatória. Faço um esforço tremendo para acreditar nessa humanidade, mas tenho rompantes “fridalescos” de pensar algumas coisas de forma bastante trágica... não sei se vamos conseguir superar, o estrago foi

muito grande... As conseqüências nós vemos por todos os lados.

IHU On-Line - Frida tinha uma beleza fora dos padrões convencionais. Como sua autenticidade pode auxiliar as mulheres a repensarem sua adesão incontestemente a dietas, moda e cirurgias plásticas?

Edla Eggert - Quando eu levo as gravuras auto-retrato de Frida para a sala de aula no curso de Pedagogia ou em outros eventos onde geralmente há mais mulheres do que homens, um comentário aparece muito espontaneamente: “Ah, mas ela pelo menos poderia esconder aquele bigode...”; “Nossa, parece relaxada...”. Então, sugiro pensarmos mais sobre os estereótipos, sobre o preconceito e sobre o que vem a ser considerado feminino e por quem é definido esse feminino. A autenticidade implica em autonomia e essa é uma conquista do dia-a-dia que me parece que nem sempre esteve acabada e totalmente resolvida na vida de Frida, mas gerava uma indignação, um contraponto muito significativo, esteticamente falando. A autenticidade se constrói com o pensamento autônomo. E, para que isso aconteça, é preciso que haja o tempo de se pensar. E, provavelmente, Frida construiu esse tempo de se pensar em longos dias acamada, ou seja, ela não teve muita saída. A pintura, o desenho e a sua vida mostram esse seu modo de pensar. Esse é um dos elementos fundamentais para que a estética se produza de outra forma para o mundo das mulheres: o tempo lento de se pensar. Os pequenos golpes voluntários das mulheres nelas mesmas a fim de estarem na moda e se sentirem aceitas só serão percebidos como golpes se elas se permitirem pensar sobre eles e sobre si mesmas. Caso contrário, o piloto automático liga e a vida corre na lógica do “ser para os outros e dos outros”, sempre em função de alguém, como bem articula a antropóloga também mexicana Marcela Lagarde y de Los Rios¹⁷.

¹⁷ Marcela Lagarde y de Los Rios: feminista mexicana. (Nota da IHU On-Line)

Uma estética libertadora

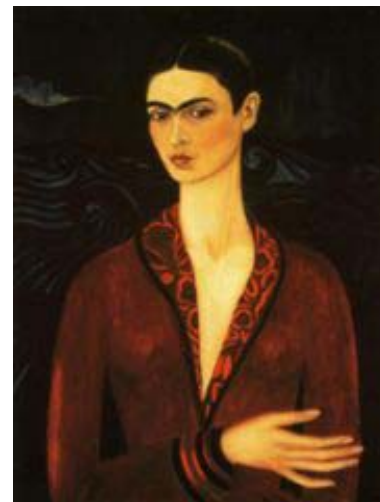
ENTREVISTA COM MARCELLA ALTHAUS-REID

No ponto de vista da teóloga argentina Marcella Althaus-Reid, “Frida Kahlo denuncia a estética burguesa idealista e apresenta corpos antagônicos, em conflitos interiores e exteriores. Esta é uma estética libertadora que anuncia beleza e coerência nas fraturas e divergências sociais que Frida representa através de categorias corporais. Na Teologia, a estética burguesa é responsável pelas construções particulares de racismo, homofobia, classismo. Mas as categorias essenciais estéticas ocidentais estão em vias de desconstrução.” As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Para criar as questões a seguir, a IHU On-Line teve acesso a um artigo inédito de Manrique, intitulado Yo soy la desintegración, escrito para a coletânea sobre Frida Kahlo que está sendo organizada pela Prof.^a Dr.^a Edla Eggert.

Membro da Igreja Metodista, Althaus-Reid é catedrática de Teologia Contextual no New Collage, Universidade de Edimburgo, Escócia. É a única professora de Teologia em uma universidade escocesa, e a primeira mulher a lecionar Teologia na Universidade de Edimburgo em 160 anos. Obteve doutorado em Teologia na Universidade de San Andrés, Escócia, como uma tese sobre a influência de Paul Ricoeur na metodologia e na teologia da libertação. É autora de inúmeros livros, dentre os quais citamos Indecent Theology. Theological perversions in sex, gender and politics (London: Routledge, 2000); The Queer God (London: Routledge, 2003); e From feminist Theology to indecent theology (London: SCM Press, 2004). Para maiores informações, acesse o site www.althaus-reid.com/.

IHU On-Line - Como o auto-retrato “Yo so la desintegración” representa a fragmentarização do corpo de Frida Kahlo?

Marcella Althaus-Reid - “Yo soy la desintegración” é um auto-retrato que admite várias interpretações, dependendo de como nos situamos. A partir de uma posição quase de direita (heterossexual), a interpretação estaria mais influenciada pela fragmentação do corpo de Frida. Aqui observaríamos que este é um corpo que se



Auto-retrato em um vestido de veludo

desfaz, que não corresponde e que pouco obedece. É um corpo que parece desconhecê-la, como se fosse um estranho e que não respeita leis, como se fosse um inimigo. É a visão de um corpo incapacitado.

Mas assim nos colocamos em uma posição distorcida. Com uma pressuposição menos direita ou normalizadora (ou seja, “Queer¹⁸”), poderíamos dizer que essa

¹⁸ Sobre o tema, confira a entrevista concedida por André Musskopf, nesta edição. (Nota da *IHU On-Line*)

desintegração, esse corpo imprevisível que cai numa multidão de órgãos, tem uma representação material verdadeira, não somente do corpo de Frida, mas de todos os corpos. Efetivamente, esta é a representação com a qual se desconstrói uma estética dualista e heterossexual para desvelar o feito de que nossos corpos nunca são dogmáticos, ou seja, eles saem das leis. É que a heterossexualidade tem sua própria estética corporal legal que “Yo soy la Desintegración” ameaça. Mas trata-se de uma ameaça positiva, já que representa a presença da sombra de um referente original antigo e ambíguo, de geopolíticas confusas e sem força de catálogo. É que a referência original corporal está mais próxima de uma estética bissexual ou de transgênero, na qual, como este é um auto-retrato, se multiplicam e contradizem os órgãos sexuais e os espaços do desejo.

De alguma maneira, este auto-retrato de Frida evoca uma poética Queer bissexual que poderia ser traduzida pelas palavras de Judith Butler¹⁹: “Isto não quer dizer que em algumas ocasiões políticas eu não queira sob o signo de ser lésbica, mas em troca quero deixar uma permanente impressão na significação do dito signo”²⁰.

IHU On-Line - Relacionando com o aspecto teológico, a senhora poderia explicar sua afirmação “allí adonde mas coherencia assumimos, más fragmentación ocultamos”? A obra de Kahlo pode metaforizar a desintegração do sujeito pós-moderno?

Marcella Althaus-Reid - A coerência de gênero é produto de uma ideologia sexual que funciona como uma

¹⁹ **Judith Butler**: filósofa americana pós-estruturalista, que tem contribuído, há muitos anos, para os estudos do feminismo, da teoria queer, da filosofia política e da ética. É professora no Departamento de Retórica e Literatura Comparativa da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Butler concedeu entrevista exclusiva à edição 199 da IHU On-Line, de 09-10-2006, disponível para download na página eletrônica do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ J Butler, ‘Imitation and Gender Insubordination’, in Diana Fuss (ed) *Inside/Out*. London: Routledge, 1991, p 14. (Tradução da autora)

metanarrativa normalizadora de certas relações de poder, incluindo o poder eclesiástico de sacralizar ideologias políticas. A chamada desintegração do sujeito pós-moderno não é tal porque a estabilidade intrínseca no sujeito só ocorre nos corpos legais, não nos humanos. As teologias imperialistas temem que não se possa controlar, e por isso o Cristianismo não foi articulado num discurso sobre o desejo, mas foi regulado em sua dispensa. O medo teológico à dispersão se contradiz com a encarnação de Jesus, na qual Deus se dispersa e assume um corpo impossível, o corpo divino/humano do messias, feito de bordas e desejos, tanto sensuais como teológicos, imprecisos.

IHU On-Line - Em termos da Teologia Queer, como a obra dessa pintora ajuda a questionar e repensar a participação das mulheres na Teologia?

Marcella Althaus-Reid - Esta é uma pergunta “pós-teologia feminista”. Aqui nos encontramos não somente com uma questão de exclusividade eclesial ou de fraternidade conceitual teológica, mas com um corpo de mulher que não é mulher. Um corpo de mulher não pode ser conceituado e, por vezes, nos desconceitua criticamente. É uma mulher Queer, que não apresenta uma identidade sólida, mas uma identidade feita de paisagens atravessadas, na qual as fronteiras não apenas mudam, mas chegam a se anular e a se recriar mutuamente, deslocando também nossas concepções de Deus, de Cristo e do significado da presença corporal divina na história. Em resumo: estamos frente a uma teologia estética baseada na obra de Frida Kahlo e, portanto, temos uma base mais realista para expandir nossa intuição e nossa vocação divina. Na Teologia da Libertação²¹, dizemos que a teologia é um “segundo

²¹ **Teologia da Libertação**: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Ela surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutierrez é um dos primeiros que

ato”. Portanto, o primeiro ato é a realidade crítica. Em relação à posição da mulher na teologia, este questionamento da identidade hetero-normalizadora da mulher é o primeiro passo para fazer uma teologia concreta e realista não só para as mulheres, senão para toda a humanidade.

IHU On-Line - Que relações você estabeleceria entre a obra de Kahlo e a Teologia Queer no retorno aos atores da história, conforme Marx?

Marcella Althaus-Reid - Para Marx²², os atores da história não eram indivíduos, e sim uma classe social. As diferenças de classe são diferenças de produção que se constituem historicamente. Mas as classes não são necessariamente sempre antagonistas, mas sim mostram uma intertextualidade que as determina de diferentes maneiras. Voltar teologicamente aos atores da história é voltar à história da produção teológica e às inter-relações das identidades legalmente fixadas pela Igreja através de signos. As mulheres, por exemplo, são ou têm sido (porque não todas as Igrejas são medievais como a Igreja Católica Romana) o equivalente de uma classe teológica, na qual sua identidade depende da organização de produção social e espiritual. Os atores “Queers” são os que não encaixam nos lugares “assinados” de produção sócio-teológica. Portanto, eles

propõe esta teologia. A Teologia da Libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Em 02-04-2007, foi produzida uma edição especial sobre o tema, intitulada *Teologia da Libertação*. (Nota da *IHU On-Line*)

²² **Karl Heinrich Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU. A palestra **A Utopia de um novo paradigma para a economia** foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, em 23 de junho de 2005. O Caderno IHU Idéias, edição número 41, teve como tema A (anti)filosofia de Karl Marx, com artigo de autoria da mesma professora. (Nota da *IHU On-Line*)

podem contribuir na desorganização das ideologias reinantes: isto era o que dizia Marx, que, para desconstruir ideologias, deveria voltar a estes atores ou protagonistas. E aqui Queer funciona como uma categoria de denúncia, mas também de agência (recordemos o Carnaval Anti-Capitalista!). Já Samin Amir especulava sobre as possibilidades Queer de visualizar e desestabilizar o sistema do capitalismo global.

IHU On-Line - O corpo e a obra de Frida Kahlo não se enquadravam em padrões estéticos de beleza perfeita. Como esse ideal de beleza perfeita aparece na Teologia? Como os quadros de Kahlo podem ajudar a desconstruir esse desejo de perfeição física e teológica?

Marcella Althaus-Reid - O que é a estética senão uma produção idealista? A capacidade sensual e uma capacidade de formação institucional, como a eclesial, dependem mutuamente de uma precondição material que, como diria Freire, nunca é neutra. Nesta precondição, encontramos categorias de exploração: por exemplo, o corpo transpirado e os pés sujos não são estéticos porque refletem o corpo dos trabalhadores, não o de uma classe ociosa. (Na Inglaterra, as mulheres ricas são chamadas de “fragrantes”; nunca se agitam ou transpiram.) Frida Kahlo denuncia a estética burguesa idealista e apresenta corpos antagônicos, em conflitos interiores e exteriores. Esta é uma estética libertadora que anuncia beleza e coerência nas fraturas e divergências sociais que Frida representa através de categorias corporais. Na Teologia, a estética burguesa é responsável pelas construções particulares de racismo, homofobia, classismo. Mas as categorias essenciais estéticas ocidentais estão em vias de desconstrução, não somente numa leitura inspirada por Kahlo, mas também,

por exemplo, por Glauco Mattoso²³ e sua contra-estética fetichista, pelas leituras Queer e pela mesma Teologia da Libertação.

IHU On-Line - Qual é o maior legado de Frida Kahlo, cem anos após seu nascimento? O que sua trajetória tem a dizer às mulheres e homens do século XXI?

Marcella Althaus-Reid - Volto a citar Freire no que este chamava de “a vocação de ser mais”. Talvez este seja, para mim, como teóloga, o legado mais importante de Frida Kahlo: o chamado a ter a coragem de ser mais, o qual implica também a metáfora Queer do excesso, de ser excessivo. Este é o excesso que se fala na raiz do Cristianismo, representado por um Deus excessivo que necessita sair de si mesmo e de sua identidade divina para poder “ser mais” em Jesus Cristo. Parafraseando Marx/Derrida: há um fantasma que aceita o Cristianismo e que é o excesso de suas origens. E este excesso dos profetas que saem dos parâmetros da injustiça construídos eclesiasticamente em Israel. E é o excesso de Mary Daly²⁴ quando, nos anos 1970, chamou as mulheres a um êxodo das Igrejas... e de James Cone²⁵, quando falou do Jesus Negro... ou Gutierrez vendo nos camponeses peruanos a opção de Deus. Frida nos chama para sermos mais, a questionar as construções ideológicas de sexualidade, gênero, raça e política e amar mais além dos cânones. Não somente amar a uma companheira, mas também ao Deus que temos de libertar do espelho de nossas próprias ideologias. Frida também anunciou, a sua maneira, o retorno do amor Queer de Deus, do Deus Queer.

²³ Glauco Mattoso (1951): Poeta, tradutor, letrista e ensaísta. É autor de, entre outros, *Paulisséia ilhada: sonetos tópicos* e *Geléia de Rococó: sonetos barrocos*. (Nota da *IHU On-Line*)

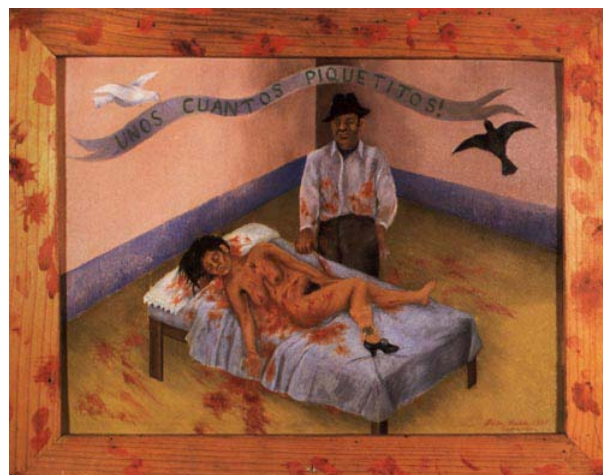
²⁴ Mary Daly (1928): filósofa feminista e teóloga. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁵ James Cone (1938): teólogo africano da igreja Metodista. (Nota da *IHU On-Line*)

A vida retratada na arte, o maior legado de Frida

ENTREVISTA COM MARIA LAURA MANRIQUE

*Na opinião da teóloga mexicana Maria Laura Manrique, o maior legado de Frida Kahlo é a “sua própria vida retratada em suas pinturas”. Além disso, menciona a pesquisadora, Kahlo “não oculta suas dores”, o que também é um grande legado. De uma perspectiva humanista, cabe destacar que sua obra mostra “cara a cara a própria situação, sua dor, sua realidade de mulher geradora de vida, mas impossibilitada para que dê frutos”. As declarações foram dadas com exclusividade à IHU On-Line em entrevista por e-mail, concedida na última semana. Para criar as questões a seguir, a IHU On-Line teve acesso a um artigo inédito de Manrique, intitulado *Quando el dolor in-digna: genera vida!*, escrito para a coletânea sobre Frida Kahlo que está sendo organizada pela Prof.^a Dr.^a Edla Eggert.*



Unos cuantos piquetitos

IHU On-Line - Qual é o maior legado artístico e humanitário de Frida Kahlo?

Maria Laura Manrique - Não há dúvidas que seu maior legado é precisamente sua própria vida retratada em suas pinturas. Com isto, quero dizer que, na medida em que Frida Kahlo se reconhece, vai se assumindo não somente como mulher - e eu me atrevo a pensar que ela era uma pessoa em uma busca mais do que feminista -, mas também como uma pessoa com capacidades artísticas e que, no meio em que vivia, também foi brindada com a oportunidade para desenvolver suas capacidades.

Penso que sua obra, em certas ocasiões, tem sido considerada como a de uma pessoa ególatra. Pergunto-me, também, se pensarmos que quando um homem apresenta sua obra ele também não pode ser chamado de ególatra. Enfim, parece-me que parte do legado da obra de Kahlo, desde a perspectiva humanista, é ver cara a cara a própria situação, sua dor, sua realidade de mulher geradora de vida, mas impossibilitada para que dê frutos.

Humanamente, quase todas as pessoas passam pela dor, tanto física como moral, mas normalmente a negamos e a mandamos ao fundo do baú, a fim de que não nos “moleste”. Frida Kahlo não oculta suas dores e isto me parece um grande legado, pois escreve em seu diário: “Acreditam que eu era surrealista, mas não acreditam no que era. Nunca pintei meus sonhos. Pinteí minha própria realidade”. As dores eram parte de sua realidade, mas quando ela a conhece e a assume, de alguma forma, vive de outra maneira. Quer dizer, quando somos capazes de reconhecer nossa própria dor, temos nossa percepção à flor da pele, a qual também nos permite sentir a dor da outra pessoa e, portanto, olhar a dor das pessoas com compaixão. Neste sentido, me parece importante o legado humanista de Frida Kahlo e que, tomara, possamos lê-lo desta maneira para contribuir e melhorar não somente nossa vida pessoal, mas também das demais pessoas do planeta.

IHU On-Line - Quando foi visitar a Casa Azul e o

Museu Dolores Olmedo, que impressões você teve?

Maria Laura Manrique - Visitar o Museu Dolores Olmedo e a Casa Azul, assim como o Anahuacalí, me fez sentir uma mescla de sensações. Faz alguns anos que eu visitei estes lugares somente por curiosidade e com a intenção de conhecer a obra de Kahlo. Naquela ocasião, sua obra me gerou repulsão e ela me pareceu uma pessoa ególatra e masoquista. Também recorro que me deixou sem palavras suas pinturas e seus abortos, e como os relacionava. Pareceu-me que de toda sua obra emanava dor. No final de janeiro, tinha o projeto de escrever sobre Kahlo, junto com minhas colegas Mari Carmen Servitje²⁶ e Áurea Mercado²⁷. Recorremos ao Museu Dolores Olmedo e a Casa Azul. Tive a oportunidade de me aproximar de Frida Kahlo por meio de material biográfico. Por isso, agradeço a Mari Carmen o convite, já que quando estive diante de sua obra percebi sua verdadeira dor, mas como uma dor que não dói. O que quero dizer é que já não me senti com repulsão frente a suas pinturas, mas entendi sua dor através delas. Isso me ajudou a compreender que há outras mulheres que vivem essas situações de dor, mas que são capazes de transcendê-la. Quer dizer, assumindo a dor própria, essas mulheres podem provocar um processo de cura em outras pessoas.

A Casa Azul encerra uma certa magia. Recorrer a sua casa era como sentir Frida, cheirá-la, escutá-la e olhá-la... pois quando se tem a oportunidade de ver outras recriações dela (filmes, peças de teatro...) e estar na casa em que ela viveu desde pequena e depois com Diego Rivera, ver sua cama e coisas pessoais, tudo isso revela mais do que qualquer descrição. É tão interessante quanto lembrar também que nessa mesma casa alojou-se Leon Trotsky e sua esposa Natalia Sedova.

Estar em sua casa me resultou em toda uma aventura. Da minha perspectiva teológica, foi difícil acreditar que

ela não era crente, pois quando criança Frida teve uma formação religiosa, e seu quadro da coluna rompida faz uma alusão a Jesus quando foi crucificado. Talvez por sua proximidade ao pensamento socialista teve essa atitude crítica à religião.

IHU On-Line - Quais são as principais comemorações que estão realizando no México com o motivo do centenário do nascimento de Frida Kahlo?

Maria Laura Manrique - Desde o princípio do ano, várias atividades têm sido realizadas. Uma delas é a exposição na passagem do Metrô Pino Suárez, no qual se mostra a influência de Frida Kahlo na obra de outras e outros artistas. Há também uma performance chamada *Casa quien su-Frida*, representado pela atriz Ofélia Medina. Sua representação foi excelente, além da ambientação. Atualmente, acontece no Palácio de Belas Artes uma homenagem Nacional chamada "Frida vive aqui", que se destaca por ter sido considerada como a mais completa exposição que já foi realizada sobre a pintora, pois ocupa as oito salas do Palácio de Belas Artes e apresenta 354 peças (entre óleos, desenhos, aquarelas, gravações, cartas, fotografias e documentos inéditos), que têm a pretensão de "apresentar uma Frida integral".

IHU On-Line - Em que aspectos a obra "Unos cuantos piquetitos" pode contribuir na conscientização da humanidade para evitar os feminicídios?

Maria Laura Manrique - A intenção de Kahlo com esta obra não era exatamente conscientizar. Considero que esta obra permite denunciar a violência que se exerce contra as mulheres. Recordemos que Kahlo toma a notícia dos assassinatos quando o assassino declara ao juiz que "somente havia lhe dado uns quantos golpezinhos". "Unos cuantos piquetitos" pode contribuir para tomarmos consciência sobre os feminicídios, na medida em que se possa apresentar esta obra como tal, como uma denúncia. Quer dizer que quando se apresenta

²⁶ Maricarmen Servitje: teóloga mexicana. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ Áurea Mercado: teóloga mexicana. (Nota da *IHU On-Line*)

esta obra, podemos interpretá-la como uma denúncia de “feminicídio”. Esse feminicídio denunciado se define como o assassinato de mulheres por homens com motivos como ódio, ira, prazer, ciúmes etc. Os algozes podem ser homens que estão próximos das mulheres (esposo, amante, noivo, por exemplo). Ainda hoje, vemos muitas mulheres assassinadas por seus esposos, amantes ou noivos, que justificam o ato dizendo “que ela merecia”.

***IHU On-Line* - O sofrimento de Frida como ser humano e como mulher é universal? Por qual motivo?**

Maria Laura Manrique - Pode-se dizer que o sofrimento de Frida Kahlo é universal no sentido de que não importa o status socioeconômico ou a preparação acadêmica das mulheres que são vítimas da violência. No caso de Frida, há o sofrimento que teve desde pequena: a poliomielite, o acidente de ônibus, as operações na coluna, os abortos e a violência exercida por Diego Rivera. Os abortos que Kahlo sofreu representam, além disso, uma dor que muitas mulheres vivem, pois abortar não pode resultar numa situação de satisfação.

***IHU On-Line* - Sobre a situação das mulheres, o que mudou no México de hoje com relação ao México em que Frida viveu?**

Maria Laura Manrique - Na época de Frida Kahlo, não existia um Instituto Nacional das Mulheres nem políticas de saúde pública.

***IHU On-Line* - Como a obra de Frida Kahlo pode ajudar a questionar a sociedade “andropatriarcal-kyriarcal”?**

Maria Laura Manrique - A obra de Kahlo pode ajudar a questionar a sociedade andropatriarcal-kyriarcal, no sentido de que sua obra apresenta como as mulheres são capazes de desenvolver suas capacidades. Questiona a esta sociedade, na medida em que expõe as discordâncias que se dão nela e nas contradições em que a humanidade tem evoluído. Isso significa que em algumas de suas obras se traduz uma forte crítica social. Contudo, vale dizer que ainda que ela hasteia a bandeira feminista, além de denunciar o racismo, o classicismo, a injustiça...

***IHU On-Line* - Considerando a trajetória dessa pintora, quais seriam suas principais contribuições para a Teologia no século XXI?**

Maria Laura Manrique - Talvez seja arriscado dizer que a obra de Kahlo possa fazer uma contribuição à Teologia do século XXI. Mas acho que podemos olhar sua obra desde uma perspectiva libertadora de Jesus Cristo como vítima não magoada, quer dizer, olhar a obra de Kahlo a partir da perspectiva de que Jesus de Nazaré foi uma vítima da dinâmica estrutural andropatriarcal-kyriarcal, a qual decidiu sua morte, cuja dinâmica, no caso de Kahlo, é diferente, assim como o é em relação às mulheres do século XXI.

Uma arte como devir de vida

ENTREVISTA COM MARGA STROHER

*Na opinião da teóloga Marga Stroher, docente na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo, “Frida transforma sua arte em devir de vida, como resposta à tragédia; sua arte não é representação. Ela mesma afirma que pinta a realidade”. A reflexão faz parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, a partir das questões criadas com base no artigo inédito *Autoretrato con el pelo cortado - a fabricação de um corpo estético de rupturas*, escrito para a coletânea sobre Frida Kahlo, que está sendo organizada pela Prof^a. Dr^a. Edla Eggert.*

*Stroher é graduada, mestre e doutora em Teologia pela EST com a tese *Caminhos de resistência nas fronteiras do poder normativo - Um estudo das cartas pastorais em perspectiva feminista*. É autora de *Corporeidade, etnia e masculinidade (São Leopoldo: Sinodal, 2005)* e uma das organizadoras das obras *Águas da vida - Celebrações (São Leopoldo: Con-texto, 2001)*; *À flor da pele - Ensaios sobre gênero e corporeidade (São Leopoldo: Sinodal, CEBI, 2004)*; e *A Igreja na casa dela: papel religioso das mulheres no mundo greco-romano e nas primeiras comunidades cristãs (São Leopoldo: Sinodal, 1996)*.*

IHU On-Line - Podemos dizer que a arte, para Frida Kahlo, tinha papel semelhante ao conferido por Nietzsche, como justificativa para a existência e conversão do horror em fenômeno estético? Por quê?



Autoretrato con el pelo cortado

Marga Stroher - Nietzsche²⁸ encontrava-se em profundo conflito com a sociedade de representação de seu tempo. Na construção de seu caminho filosófico, espelhou-se bastante na tragédia grega, que apontava alguma possibilidade de saída, alguma forma de

²⁸ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998); *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916); e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10 de abril de 2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada Nietzsche e Paulo. A edição 15 do Cadernos IHU Em Formação é intitulada O pensamento de Friedrich Nietzsche. (Nota da *IHU On-Line*)

sobrevivência, como o fio de Ariadne, a teia de Aracne, o vinho de Dionísio. E quando Nietzsche propõe a arte como saída, como forma da verdade filosófica canonizada não nos destruir, fala da arte, não como representação, mas como potência de vida. Assim, Frida transforma sua arte em devir de vida, como resposta à tragédia; sua arte não é representação. Ela mesma afirma que pinta a realidade.

IHU On-Line - Sem a sua arte, Kahlo teria conseguido sobreviver?

Marga Stroher - Antes de torna-se artista, Frida já era uma mulher poderosa e é isso que fez a sua arte tornar-se tão poderosa. Autodeterminação, liberdade, ousadia, alegria e desejos de transformação social foram seus combustíveis de vida e forneceram os matizes de sua pintura. As limitações de mobilidade física, consequência do acidente que sofreu, delimitam seu território de mobilidade, mas é a partir desse território que recria sua experiência, construindo caminhos de resistência à dor e às limitações, e isso a partir da arte. Se não pela arte, ela teria conseguido sobreviver de outra maneira, a partir de algo que produzisse sentido de vida, mas a arte permitiu que ela evidenciasse a potência humana que ela mesma já era antes da tragédia, e é isso que a faria sobreviver.

IHU On-Line - É possível compreender o modo de Frida Kahlo de se vestir e arrumar (ou cortar) o cabelo como manifestações de sua visão política? Por quê?

Marga Stroher - Frida tinha criado um estilo próprio de vestir-se, de compor seu corpo. Costumava usar roupas bem coloridas, com bordados tradicionais, e brincos artesanais mexicanos. Ao mesmo tempo, parece que gostava de brincar de trocar de papéis, às vezes usando roupas masculinas, desconstruindo ou desestabilizando modelos e comportamentos. Na pintura “Autoretrato com el pelo cortado” (1940), em que corta o cabelo e

aparece com traje masculino, ela faz uma inversão da representação dos papéis sociais. Aqui a beleza entra como interdição, não como confirmação das representações e imagens fixas de masculino e feminino. E isso é político, na medida em que questiona as representações imagéticas a partir dos condicionamentos da construção social de gênero.

IHU On-Line - André Breton afirmou que a arte dessa pintora era um laço de fita em torno de uma bomba. Como percebe o engajamento político de sua arte?

Marga Stroher - Frida foi engajada em seu contexto, tanto que dizia ter nascido três anos depois da data oficial de seu nascimento, ou seja, em 1910, ano da Revolução Mexicana, porque queria estar vinculada a este novo momento de seu país. Se, por um lado, seus auto-retratos são constitutivos de sobrevivência material e pessoal, sua arte não está alijada dos processos e acontecimentos sociais e políticos de sua época e seu contexto. Sua postura crítica e suas convicções políticas estão vinculadas aos ideais do comunismo, e algumas de suas obras mostram isso, a exemplo de “El marxismo da salud a los enfermos” (1954) e “Autoretrato en la frontera entre México e Estados Unidos” (1932), essa última muito instigante, mostrando as discrepâncias geográficas e sociais entre os dois países.

IHU On-Line - Por que a senhora afirma que, mais do que artista, Frida é tecelã de si mesma?

Marga Stroher - Frida constrói uma narrativa pictórica que espelha sua experiência, seja de dor ou de alegria; ela toma a arte como metáfora de vida e produção de sentido, como lapidação de si mesma e dos seus sonhos de mulher. Ela cria, através da arte, a sua própria arte de ser e sua intensidade de vida, seu desejo de viver.

IHU On-Line - Em quais aspectos poderíamos dizer que Kahlo rompeu com a arte canonizada?

Marga Stroher - Não era preocupação de Frida de enquadrar sua arte em qualquer estatuto de arte canonizada. Se assim fosse, teria aceitado a análise de Breton que classificou sua pintura de surrealista e estaria confortável nesse importante movimento artístico da época. Frida quer mais. O ponto de partida de sua arte é a própria experiência. O próprio corpo torna-se como pincel, tinta, tela, motivação e paisagem de seu processo estético-experiencial. Em seus auto-retratos em particular, ela capitaliza sua própria beleza, contudo não modela a aparência para agradar os olhos pela imagem ou para corresponder à arte confirmada por qualquer escola, museu ou movimentos artístico reconhecido. Sua arte, pode-se dizer, coloca-se como intervenção e desestabilização do constituído como belo, mesmo em sua inegável beleza estética.

IHU On-Line - Em seu artigo, você afirma que “Ela precisava tornar-se um homem para ter reconhecimento e ser percebida como mulher”. Como a trajetória de Frida Kahlo ajuda as mulheres de nosso tempo a repensarem seu papel na sociedade e conquistarem espaços antes não “permitidos” a elas?

Marga Stroher - Uma pergunta pertinente é a de quanto as mulheres ainda precisam corresponder a modelos masculinos heteronormativos para ser aceitas. Frida, que se autodenomina filha da Revolução, em sua estética da vida, faz uma estética política. E nos convida a fazer um caminho ético-político a partir de nossas experiências e do lugar em que vivemos e atuamos. As mulheres, além de prestar atenção ao que passa ao seu redor, precisam aprender a prestar atenção a si mesmas, não se confinando em suas pequenas ou grandes tragédias, mas, como Frida, transformar a tragédia, as limitações, as fronteiras em potência de vida. Não devem viver como de fossem destinadas a um destino inevitável, mas fazer rupturas com o que escraviza e limita a autodeterminação à integridade de vida. Frida encontrou a arte, mas cada um de nós é capaz de construir seu próprio caminho e nele buscar aquilo que nos potencialize para a vida e nos ajude a viver melhor, com justiça, comida, ternura, beleza, arte e afeto. Viva como festejo, viva como devir, como mandato.

O marxismo trará saúde aos enfermos: Kahlo cumpre seu destino

ENTREVISTA COM HAIDI DREBES

Analisando o quadro O marxismo trará saúde aos enfermos, a teóloga Haidi Drebes assinalou: “Considerando o contexto e situação de vida de Kahlo, me parece que pintar esta obra foi como cumprir o seu destino. Frida Kahlo queria através da arte, ser útil ao partido. De forma mais explícita e bastante expressiva, consegue nesta obra sintetizar vida - esperança e atingir o objetivo”. A entrevista a seguir é exclusiva, concedida por e-mail à IHU On-Line. As questões foram criadas com base no artigo inédito O marxismo trará saúde aos enfermos, escrito por Drebes para a coletânea sobre Frida Kahlo, que está sendo organizada pela Prof.^a Dr.^a Edla Eggert.

Drebes é graduada em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST) e em Educação Artística pela Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior (Feevale), em Novo Hamburgo. cursou mestrado e doutorado em Teologia na EST. Sua tese intitulou-se O desvelar da espiritualidade nas artes visuais. Atualmente, Drebes é coordenadora da habilitação ao ministério na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Confira a íntegra da entrevista.

IHU On-Line - Poderia contextualizar a situação física de Frida Kahlo quando pintou “O marxismo trará saúde aos enfermos”?

Haidi Drebes - “O marxismo trará saúde aos enfermos” foi uma das últimas pinturas de Frida. A obra foi pintada em 1954, e neste mesmo ano a artista veio a falecer. Neste período, o seu estado de saúde era bastante precário e de uma grande fragilidade física. Ela vivia sob constante efeito de analgésicos. Depois de aproximadamente um ano sem pintar, em 1954, Frida se forçou a sair da cama e retornar ao seu estúdio. Sentada na cadeira de rodas e com uma faixa para sustentar as suas costas, ela pintava em um cavalete durante o tempo em que a dor era suportável. Quando a dor se tornava



O marxismo trará saúde aos enfermos

insuportável, Frida voltava para a cama e lá seguia pintando. O uso de drogas e um esforço quase sobre-humano tornavam suportável a dor, e a artista conseguiu manter-se ativa. Andrea Kettenmann cita que, segundo Judith Ferreto, enfermeira de Kahlo, a artista ao finalizar a obra teria feito o seguinte comentário: “pela primeira vez não choro mais”.

IHU On-Line - Qual é o significado dos elementos dessa obra, o que eles querem dizer?

Haidi Drebes - Os elementos dessa obra expressam as preocupações, os sentimentos, as convicções e esperança de Frida. Remetem explicitamente ao interesse social e político da artista. A artista se representa com seu

“corsé de piel” diante de um fundo dividido em duas partes. De um lado, está a terra ameaçada pela destruição, e do outro a paz. No mesmo lado em que correm rios azuis com água cristalina, também se elevam os continentes vermelhos, a URSS e a China - a pomba da paz voa sob o céu azul. Na outra metade, onde o céu está mais escuro, correm rios de sangue e a mão que se estende da cabeça de Karl Marx estrangula Tio Sam. O partido comunista pode estar representado nas grandes mãos que a amparam. As mãos não a tocam, mas estão ali, lhe dão segurança. Se ela perder o equilíbrio, as mãos estão ali, grandes, fortes, protetoras e vigilantes, lembrando o comunismo.

Por meio dos elementos desta obra, ela expressa especialmente a sua convicção de que Karl Marx, através do comunismo, pode acabar com o capitalismo e proteger os necessitados, amparar os fracos e curar os enfermos. O marxismo foi, no decorrer de sua vida, tomando forma de crença. Isto está claramente expresso na obra analisada, em que a autora expressa a sua fé no comunismo. Considerando o contexto e situação de vida de Kahlo, parece-me que pintar esta obra foi como cumprir o seu destino. Frida Kahlo queria, através da arte, ser útil ao partido. De forma mais explícita e bastante expressiva, consegue nesta obra sintetizar vida e esperança e atingir o objetivo. Por isso, ela não chora mais. Kahlo representa ali a sua terra, a sua dor, a sua força, a sua crença, os seus ídolos. E, desta maneira, dá-se uma reinterpretação crítica da sua trajetória de vida e da sua própria obra pictórica.

***IHU On-Line* - Em que sentido ela queria contribuir com o Partido através da sua arte? Nesse aspecto, sua obra é, também, política?**

Haidi Drebes - Ao pintar espinhos, sangue, dor e situações de sofrimento, a artista, por meio de sua arte, denuncia uma realidade social injusta. Denunciando-a, Frida coloca a sua expressão artística a serviço do

partido. A artista tinha consciência do potencial da arte como um meio de conscientização e transformação social. Mesmo que no conjunto da obra de Frida nem sempre o conteúdo político mais, especificamente, marxista, estivesse tão explícito, ela pintava a sua dor e a dor de seu povo não na dimensão monumental, como o muralismo, mas em doses menores, homeopáticas, mas nem por isso menos intensas. Na obra “O marxismo trará saúde aos enfermos” a artista aponta para o marxismo como a possibilidade de salvação. Entretanto, deve-se destacar que a artista vai construindo esta concepção ao longo de sua vida, mas opta por assumi-la e expressá-la na sua arte mais no final da sua vida e a expressa claramente nesta obra.

***IHU On-Line* - Kahlo escolheu 1910 como o ano de seu nascimento, coincidente com a Revolução de Emiliano Zapata. Como se expressava a identificação social em sua vida e obra?**

Haidi Drebes - Ainda criança, aos quatro anos, a artista via a sua mãe dar abrigo aos zapatistas²⁹, oferecendo comida e cuidando dos feridos. Acompanhou de perto a luta camponesa de Zapata³⁰ contra as tropas de Carranza. Sua identificação com a luta era tanta que dizia que ela e o novo México nasceram ao mesmo tempo. Durante toda a sua vida, Frida participava de

²⁹ **Movimento Zapatista**: inspirou-se na luta de Emiliano Zapata contra o regime autocrático de Porfirio Díaz, que encadeou a Revolução Mexicana em 1910. Os zapatistas tiveram mais visibilidade para o grande público a partir de 1 de janeiro de 1994 onde se mostraram para além das montanhas de Chiapas com capuzes pretos e armas nas mãos dizendo Ya Basta! (Já Basta!) contra o NAFTA (acordo de livre comércio entre México, Estados Unidos e Canadá) que foi criado na mesma data. O movimento defende uma gestão democrática do território, a participação direta da população, a partilha da terra e da colheita. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁰ **Emiliano Zapata Salazar** (1879-1919): líder da Revolução Mexicana de 1910 contra a ditadura de Porfirio Díaz. Considerado um dos heróis nacionais mexicanos, Zapata é também a inspiração para o movimento zapatista, iniciado no estado de Chiapas. (Nota da *IHU On-Line*)

movimentos sociais e freqüentava espaços de discussão de questões sociais e políticas. A residência dos Rivera no bairro San Angel no México tornou-se um local de encontro da intelectualidade internacional. A casa de Frida e Diego era freqüentada por pessoas ligadas às artes, à literatura, à música, e era também local de hospedagem para refugiados políticos. León Trotski foi um dos refugiados que pediu asilo político ao México e se hospedou na casa dos Rivera. O empenho pela causa social e a crença no comunismo parecia estar no seu sangue, correr em suas veias. A artista mexicana parecia buscar ou ser conduzida para contextos onde a questão política era o cerne.

IHU On-Line - Ainda que fracassada em termos políticos, a Revolução Mexicana deu ao povo um espelho e a arte renasce. Qual é o papel de Frida nesse processo?

Haidi Drebes - O papel de Frida é justamente o de ocupar e preservar o espaço que a arte e cultura de modo geral conquistaram com a revolução. O povo mexicano reconheceu a sua força, o seu valor, a sua dor, a sua beleza e, através da arte, continua a expressá-la. A arte do povo mexicano aflora e artistas incorporam na sua expressão artística elementos mexicanos, motivos indígenas, mesclam cores e identidades, apropriam-se de temáticas acessíveis e populares. O sofrimento do povo, decorrente de uma história que oprimiu, sufocou e feriu a nação, é expresso por entre as rupturas, pelas feridas e pelo sangue pintado na obra de Frida Kahlo.

IHU On-Line - Assim como sua pátria, o corpo de Frida também é partido, quebrado. Como sua dor pessoal se mistura com a dor de seu povo?

Haidi Drebes - Em algumas de suas obras, Frida expressa esta mistura da sua dor com a dor de outras pessoas, de forma bem concreta. Como exemplo, pode-

se citar “Umas quantas punhaladas”³¹, pintada em 1935. Nesta pintura, Frida se inspira na notícia de um assassinato publicada num dos jornais locais. Segundo Andréa Ketenmann, nesta pintura, a artista teria projetado uma situação pessoal, a relação extraconjugal que Diego teve com sua irmã Cristina. Diego teve vários envolvimento extraconjugais, sendo que o que mais fortemente abalou Frida foi a relação de Diego com Cristina, a sua irmã mais nova. Nesta obra, a dor aparece escancarada e de forma mais agressiva. A preocupação anatômica escapa e Frida pinta corpos deformados, contorcidos, desproporcionais e chocantes para o espectador.

IHU On-Line - Pode-se afirmar que a pintura de Frida expressa uma utopia que ela desejava ver concretizada? Como fé e política se imbricam nessa relação?

Haidi Drebes - A arte na vida de Frida passa a ser um recurso para dar vazão ao seu íntimo, razão a sua existência e estabelecer uma relação com a realidade com a qual se sente comprometida em transformar. Sua obra está profundamente conectada com a existencialidade humana na sua forma mais intensa e profunda. A preocupação ou, muitas vezes, a indignação com a sua própria existência é expressa nas suas pinturas. A artista escancara o seu sofrimento e a sua dor que, por sua vez, provoca o/a fruidor/a na sua própria existencialidade. Quando não é o corpo ferido é a terra partida que impacta o/a fruidor/a. A profunda integração da artista com a sua obra, a sua própria existência e a pergunta pelo sentido da sua vida e do seu povo faz da sua obra uma possibilidade de conjugar fé e política.

³¹ *Umas quantas punhaladas*, óleo sobre metal, 1935. 29,5 x 39,5 cm. Fundação (Stiftung) Dolores Olmedo, Cidade do México. (Nota da entrevistada)

IHU On-Line - Quais são os pontos em comum do ponto de vista artístico, político e social que Kahlo e Diego Rivera compartilhavam?

Haidi Drebes - É no contexto político que a artista se aproxima de Diego Rivera. Também na sua relação com Diego a arte e a preocupação social eram pontos em comum. Ambos eram militantes políticos: expressavam na sua arte a indignação com a injustiça social e acreditavam no marxismo como uma possibilidade de vida digna. A forma apaixonada e intensa com que ambos

se dedicavam à causa social, à política e à arte também podia ser percebida na sua vida pessoal. O casamento de Frida e Diego foi uma união que de um jeito ou de outro sempre intrigou as pessoas, pela sua forma intensa e livre. Mesmo que na relação conjugal ambos preservassem sua liberdade de ter relações extraconjugais, não conseguiam ficar muito tempo separados. Frida e Diego estiveram unidos pela identificação política, pela arte, pela vida e pelo amor, que os manteve juntos até o final de suas vidas.

“A vida de Frida Kahlo foi extremamente cinematográfica”

ENTREVISTA COM CÁTIA INÊS SCHUH

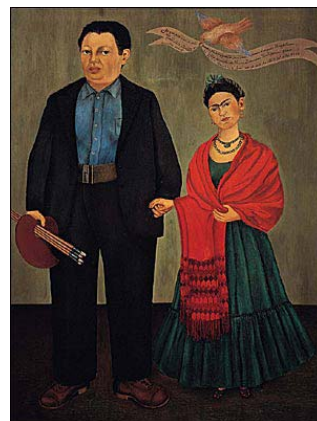
Para a publicitária Cátia Inês Schuh, a partir de 2003, com o filme Frida, de Julie Taymor, a pintora mexicana foi retomada pela moda. Segundo ela, a “Frida globalizada” se refletiu nas roupas, e bijuterias da época. Cátia é publicitária, mestre e doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, ela é professora das Faculdades de Taquara (FACAT), e da Escola Superior de Propaganda e Marketing, e coordenadora da Escola Superior de Propaganda e Marketing. Confira a entrevista concedida à IHU On-Line, por e-mail:

IHU On-Line - Em sua tese, *A prospecção pós-moderna da comunicação visual no imaginário de Frida Kahlo* é discutida a hipótese de que as imagens da prospecção pós-moderna das obras da pintora Frida Kahlo suscitam interpretações convergentes com as necessidades atuais. Isso se comprovou na sua pesquisa?

Cátia Inês Schuh - Sim, em vários aspectos. Por exemplo: Frida se auto-retratava de múltiplas maneiras: de uma forma bonita, de uma forma trágica, em outros momentos metamorfoseada em animal ou planta. E isto

tem muito a ver com a formação da identidade dos sujeitos contemporâneos, que é cambiante, fragmentada, em constante construção. Outra coisa: Frida Kahlo era uma mulher loucamente apaixonada pelo marido, Diego Rivera, mesmo com todas as infidelidades de ambas as partes. Acho que esta é uma coisa que suscita muita identificação, porque mexe com nosso lado passional. E podemos juntar a isto sua liberdade de se expressar, de viver sua sexualidade.

IHU On-Line - Como a mídia apresentou Frida Kahlo? Quais



Frida Kahlo e Diego Rivera

foram as releituras da Frida globalizada?

Cátia Inês Schuh - Como ela volta em 2003, a partir do filme *Frida*, de Julie Taymor³², ela é retomada pela moda, através de um estilo “Frida Kahlo”. Isto se reflete nas saias, nas bijuterias grandes, nos bordados e nas batas. Então, através de editoriais de moda em jornais e revistas e em catálogos de grifes, a mídia mostrou uma Frida Kahlo “atualizada”, ou seja, adaptada à moda, aos materiais e à mulher contemporânea.

IHU On-Line - Por que o trabalho de Frida Kahlo voltou com tanta força nos últimos anos? Isso se deve à influência da mídia?

Cátia Inês Schuh - Primeiro, como disse, porque o cinema resgatou este ícone da pintura. Antes, falava-se pouco em Frida. A cantora Madonna comprou algumas telas, e aí as pessoas comentaram, mas sem saber direito. Só que com a chegada do filme houve uma verdadeira onda de Kahlo. Até o extinto programa da Rede Globo, *Sandy e Júnior*, pegou carona. Por que então Frida fica? Ela extrapola as telas, vai parar na vitrine da *Le Lis Blanc* (Iguatemi, Porto Alegre), no editorial de moda da *Elle*, no *Caderno Donna* da *Zero Hora*. Acredito que é porque ela suscita identificações com as questões comentadas anteriormente de identidade, de sexualidade, de condição de mulher, e também porque o que está em jogo aqui é mais do que algumas telas: é uma vida. E a vida de Kahlo foi extremamente cinematográfica! É toda uma história, que vai da poliomielite a um acidente grave, passando por abortos, paixões, traições e política.

Por fim, acho que há um pouco do que Roland Barthes³³ chama de cultura do *fait divers*, em que tudo - a arte, a

³² Filme sobre a história de Frida Kahlo, pintora que revolucionou a arte mexicana. No elenco, participaram os atores Salma Hayek, Geoffrey Rush, Alfred Molina, Antonio Banderas, Ashley Judd e Edward Norton. O filme foi vencedor de 2 Oscars. (Duração: 123min., Lançamento: EUA 2002, Distribuição: Miramax Films / Lumière). (Nota da *IHU On-Line*)

³³ Roland Barthes (1915–1980): escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. (Nota da *IHU On-Line*)

moda, a religião, as banalidades, a vida alheia, a biologia -, enfim, tudo o que há de fatos diversos pode virar notícia, já que somos uma sociedade ávida por informações.

IHU On-Line - Frida se comunicava com o mundo através de suas imagens? Ela tentou passar alguma mensagem para a modernidade?

Cátia Inês Schuh - Acredito que a mensagem que Frida passou é atemporal, e é por isto que ela volta com força no contemporâneo. Os sentimentos que ela descreve/pinta - o medo, a dor, a traição, o amor à sua terra - são sentimentos atemporais, ou seja, é fácil hoje as pessoas ainda se identificarem com estas mensagens pictóricas de Frida. Agora, acho importante ressaltar que nada indica que Frida quisesse conscientemente deixar estas mensagens, nós é que lemos, ao nosso modo, as imagens de Kahlo.

IHU On-Line - Por que a senhora diz que a história de Frida é também a história do México?

Cátia Inês Schuh - Na verdade, esta é uma afirmação do escritor Carlos Fuentes³⁴, que vai fazer o prefácio do diário pessoal de Frida Kahlo, editado e comentado numa bela edição. Fuentes faz esta afirmação porque Frida era extremamente politizada, envolvida com movimentos nacionalistas, partidos e movimentos políticos. O envolvimento com o México era tão forte que, apesar de ter nascido em 1907, a própria pintora dizia ter nascido apenas em 1910 - ano da Revolução Mexicana. Além disso, podemos observar a cultura mexicana, especialmente dos índios tehuas, em quase todas as telas de Kahlo: formas, cores, natureza exuberante, seus mitos.

³⁴ Carlos Fuentes (1928): escritor mexicano, autor de, entre outros, *La región más transparente* (1958). (Nota da *IHU On-Line*)

Brasil em Foco

“Precisamos ter um ‘projeto de Nação’”

ENTREVISTA COM JOSE CARLOS BRAGA

“Não basta nos contentarmos com a estabilidade e com o crescimento econômico sob o padrão político-econômico que vem se desdobrando desde 1994. O problema desse modelo não é o seu fracasso, a sua estagnação etc. O problema é o seu êxito, que perpetuará a acumulação capitalista com subdesenvolvimento, capitalismo selvagem na globalização financeira.” A afirmação é do economista José Carlos Braga em entrevista concedida à IHU On-Line por e-mail.

José Carlos Braga é professor no Instituto de Economia da Unicamp. Ele é autor, entre outros, do livro Temporalidade da riqueza. Teoria da dinâmica e financeirização do Capitalismo (Campinas: Unicamp, 2000).

“O Brasil regido por um ‘novo’ padrão de desenvolvimento capitalista” é o título da entrevista de José Carlos Braga publicada nos Cadernos IHU em Formação, no. 9, 2006, e disponível em PDF nesta página.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a política economia do governo Lula hoje? O ministro Guido Mantega está no caminho certo? Quais são os principais desafios da economia nacional hoje?

José Carlos Braga - A política econômica do governo Lula tem, sobretudo, como pontos positivos a elevação real do salário mínimo e a transferência de renda importante através do programa Bolsa Família e de outros gastos correntes do governo. A destacar também o lançamento do PAC - Programa de Aceleração do Crescimento -, que, ao expandir o gasto público em infra-estrutura, contribuirá para a elevação do patamar de crescimento do PIB. O calcanhar de Aquiles é a funesta combinação de juros altos e a excessiva valorização da nossa moeda - o Real - em relação ao dólar o que prejudica alguns setores exportadores, como se sabe. Os principais desafios, logo, são baixar as taxas de juros e viabilizar uma correção gradual da taxa de

câmbio. A inflação tem boas perspectivas de estabilidade, apesar de alguma turbulência nesse momento, em razão especialmente do preço do leite porque produtores internacionais sofreram quebra de produção. Mas não há por que cair na onda de pânico que alguns querem alardear: a de que é necessário evitar a queda da taxa de juros para combater a inflação. Há que se acelerar, portanto, a queda da taxa Selic, aquela que remunera os títulos da dívida pública, para desestimular a entrada de capitais especulativos e propiciar um caminho de valorização do dólar que corrija a taxa de câmbio. O terceiro desafio, nessa conjuntura, é garantir que o crescimento em curso não seja desestimulado por conservadorismo monetário do Banco Central. O Brasil caminha para crescer à taxa média anual de 5%, desde que os juros não atrapalhem porque os investimentos privados estão a se expandir, inclusive seguindo a

ampliação do consumo interno. Se o PAC se consolidar, o caminho estará aberto.

***IHU On-Line* - O senhor concorda com Lula quando ele diz que "o Brasil vive o seu melhor momento desde que a República foi proclamada [em 1889]"?**

José Carlos Braga - O momento brasileiro desde 2005 é muito especial no que diz respeito à enorme redução da vulnerabilidade externa. Nosso saldo comercial (exportações menos importações) e a acumulação de reservas internacionais-dólares, no Banco Central, dão uma capacidade bem considerável de defesa contra crises internacionais. A inflação é baixa e poderemos retomar o crescimento. Mas ainda registro como breve momento especial brasileiro aquele entre 1955 e antes do golpe militar de 1964. Aconteceu a combinação de economia dinâmica com democracia, inclusão social, criatividade cultural e futebol como arte. O jornalista e escritor Ruy Castro costuma dizer que aquele foi o Brasil que "deu certo, cuja trilha sonora era a Bossa Nova". É um achado essa frase. Mas, enfim, temos, hoje, penso, condições de arrancar da estabilidade de preços e do crescimento que se desenha para construir um novo padrão de desenvolvimento *produtivista* e *distributivista*, o que não tivemos nem na época do desenvolvimentismo dos anos 1950, 1960 e 1970 do século passado. Esse padrão inclui crescimento, aumento da produtividade, aumento da qualidade de vida da grande maioria da população, redefinição das relações Estado e Mercado, reerguimento da capacidade de planejamento econômico das instâncias públicas, controle das finanças especulativas, política industrial, enfrentamento da questão sócio-agrária, de forma definitiva, e assim por diante. Não basta nos contentarmos com a estabilidade e com o crescimento econômico sob o padrão político-econômico que vem se desdobrando desde 1994. O problema desse modelo não é o seu fracasso, a sua estagnação etc. O problema é o

seu êxito, que perpetuará a acumulação capitalista com subdesenvolvimento, capitalismo selvagem na globalização financeira.

***IHU On-Line* - Quais são as conseqüências para a indústria nacional da taxa de câmbio atual?**

José Carlos Braga - A taxa de câmbio atual afeta desigualmente os setores industriais. Alguns sobrevivem e outros até seguem competitivos e lucrativos por manobras financeiras, por internacionalizar-se etc. Mas há outros que sucumbem, como o setor calçadista do Rio Grande do Sul. Isso é um absurdo. Então, como dissemos, precisa-se mover os juros para baixo e começar a corrigir essa valorização excessiva do Real. O BNDES já está construindo, sob a gestão de Luciano Coutinho³⁵, uma nova política industrial, que virá a constituir finanças industrializantes no país e penso que obviamente tem "mandato" do Presidente Lula em sintonia com o Ministro Miguel Jorge³⁶. Considero, portanto, que a solução está a ser engendrada. A idéia dos economistas cosmopolitas da globalização, a de que se deve deixar o câmbio flutuar, pois a competição equilibrará o mercado, levará ou levaria a economia industrial brasileira a sofrer sérios abalos.

***IHU On-Line* - É possível retomar o desenvolvimento brasileiro com a abertura cambial que o País tem? Que controles no câmbio seriam possíveis nesse momento?**

José Carlos Braga - A abertura "cambial", ou, mais precisamente, da conta de capital no balanço de pagamentos, ou, ainda, a abertura financeira do Brasil ao mundo, propicia operações diversas dos residentes e não residentes. Assim, intensificam-se os fluxos de capitais

³⁵ Luciano Coutinho: economista brasileiro. Atualmente, é presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). (Nota da *IHU On-Line*)

³⁶ Miguel Jorge: ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. (Nota da *IHU On-Line*)

entre nossa economia e a economia internacional, num movimento de “mão dupla”. Ficamos, portanto, estreitamente vinculados às flutuações da economia mundial. É possível desenvolver o país em conexão com o resto do mundo e é mesmo necessário. No entanto, precisamos ter um “projeto de Nação”, a partir do qual essas relações sejam estabelecidas. O que não podemos é ficar à mercê do que os poderes oligopolísticos do mercado determinem, que é a proposta dos cosmopolitas liberais da globalização. Aí perdemos a idéia de Nação e abandonamos o povo às intempéries da instabilidade econômica, o que é uma tragédia humana, como temos visto em nossas cidades e no mundo afora. O principal controle no câmbio agora é baixar juros e coibir através de medidas tributárias e de regulamentações as ações especulativas nos mercados financeiros, na BM&F.

IHU On-Line - Com que olhos o senhor vê o investimento estrangeiro no Brasil? Qual sua opinião sobre estrangeiros que investem seu dinheiro aqui apenas por um curto espaço de tempo, em função dos altíssimos juros que o Brasil tem, ao invés de investir em empresas que possam trazer lucro para o País?

José Carlos Braga - Esse ponto está relacionado com o anterior. O investimento estrangeiro produtivo é fundamental sobretudo quando o país receptor, no caso o Brasil, organizar esquemas de transferência de tecnologia e *joint-ventures*. O capital especulativo é sempre um problema e, portanto, deve ser desestimulado, controlado etc. O problema é que hoje, com a desregulamentação, com a abertura das economias, com as inovações financeiras, com o avanço de telecomunicações-informática, é cada vez mais difícil fiscalizar e regular essas ações. Há um descontrole perigoso à escala mundial e maior ainda em nossos países. Nas últimas décadas de “revanche liberal” contra o “reformismo” do após-Segunda Guerra, tem imperado a “libertação” da acumulação capitalista, inclusive sob sua

forma mais geral e mais absurda a financeiro-especulativa-fictícia, que se sobrepõe às magnitudes de lucros gerados no processo produtivo.

IHU On-Line - O Rio Grande do Sul sofre com a crise do setor calçadista³⁷. Qual sua opinião sobre essa crise? Trata-se de uma crise conjuntural ou do esgotamento de um modelo que já deu o que tinha que dar?

José Carlos Braga - Essa crise resulta daquela visão cosmopolita a que me referia antes: deixe os preços correrem soltos - inclusive o câmbio - que a concorrência resolve. Sim, fábricas fecham, máquinas e equipamentos são destruídos e trabalhadores ficam sem emprego, sem meios de vida. Para resolver a crise, de novo, é necessário que haja queda de juros para combater o problema cambial e devolver a competitividade das empresas conjunturalmente perdida por esse problema. Ao mesmo tempo, é verdade que elas devem buscar a produção de calçados de marca, de maior valor agregado etc; por razões estruturais da competição internacional. E os governos precisam proteger os setores atingidos, seja com alíquotas de importação, seja com financiamentos especiais, ou com outros instrumentos, como já vem fazendo. Não podemos ter acanhamento algum em proteger nossa economia; americanos, europeus e chineses, entre outros, não o têm.

³⁷ Sobre o tema, foi produzida uma edição especial. Ela pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). A revista número 225, intitulada *Vale do Sinos em crise. Diagnósticos e perspectivas*, foi publicada em 25-06-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

Filme da Semana

OS FILMES COMENTADOS NESTA EDIÇÃO FORAM VISTOS POR ALGUM/A COLEGA DO IHU. A OBRA EM ANÁLISE NESTA EDIÇÃO FOI EXIBIDA NA ÚLTIMA SEXTA-FEIRA, DURANTE A 3ª FEIRA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA DO MERCOSUL, EM SANTA MARIA, RS.

Dom Hélder Câmara - O santo rebelde, de Erika Bauer

Ficha Técnica

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 74 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2006

Estúdio: Cor Filmes

Direção e roteiro: Erika Bauer

Produção: Andréa Glória

Música: Marcello Barnardi

Fotografia: André Cavalheira

Edição: Sérgio Raposo e Liloye Boubli

Elenco: Pedro Domingues, Leonardo Boff, Dom Marcelo Cavalheira, Dom José Maria Pires, Dom Mauro Morelli, Lucinha Moreira, Padre Reginaldo, Nelson Piletti, Rose Marie Muraro, Monsenhor Camurça, Marina Bandeira, Luís Alberto Gomes de Souza, Joseph Comblin, Padre Oscar Beozzo, Dom Pedro Casaldáliga, Raimundo Caramuru, José de Broucker, Padre José Ernani Pinheiro, Aglaia Peixoto, Padre Gervásio Queiroga, Murilo Grossi (Narrador - voz)

Premiações:

- *Ganhou os prêmios de Melhor Roteiro e Melhor Edição, no Cine Ceará.*
- *Ganhou o ET de Ouro de Melhor Filme, no Festival de Varginha.*
- *Ganhou o prêmio de Melhor Pesquisa no RECINE - Festival Internacional de Cinema de Arquivo do Rio de Janeiro.*
- *Ganhou o Troféu Margarida de Prata de Melhor Documentário, concedido pela CNBB.*

Sinopse: Documentário reconstitui a vida e a obra de D. Hélder Câmara (1909-1999). O arcebispo de Olinda e Recife foi o fundador da CNBB, um dos idealizadores das comunidades eclesiais de base e indicado ao prêmio Nobel da Paz por três vezes. Além disso, foi uma das principais vozes da Igreja contra a miséria e o arbítrio da ditadura militar.

Dom Hélder Câmara - O santo rebelde

POR NEUSA BARBOSA

Neusa Barbosa, no sítio www.cineweb.com.br, 22/08/2006 comenta o filme:

O cardeal-arcebispo de Olinda e Recife, D. Hélder Câmara³⁸ (1909-1999), foi em vida uma das figuras mais polêmicas e admiradas da Igreja Católica brasileira. Seis anos após sua morte, a cineasta Erika Bauer³⁹ conseguiu obter na Europa imagens inéditas para realizar o documentário D. Hélder Câmara - O santo rebelde.

Contando com farto e significativo material de arquivo, o filme estrutura solidamente uma biografia do religioso que, depois de fazer parte do movimento integralista no começo dos anos 30 - quando chegou a usar por baixo da batina a camisa verde daquele movimento anticomunista -, mudou radicalmente sua trajetória em direção ao bloco mais progressista da Igreja Católica, sendo um de

³⁸ **Dom Hélder Câmara (1909-1999):** Arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Momento político este que o tornou um líder contra o autoritarismo e os abusos aos direitos humanos, praticados pelos militares. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29 de novembro de 2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo Hélder Câmara: cartas do Concílio. Na edição 157, de 26 de setembro de 2005, publicamos a entrevista O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil, realizada com Ernanne Pinheiro. (Nota da *IHU On-Line*)

³⁹ **Erika Bauer:** cineasta mineira. Ela estudou cinema em Munique. Com o filme *Dom Hélder Câmara - O santo rebelde*, ganhou prêmios como a margarida de prata no festival de Brasília em 2005. Erika é uma das principais representantes do cinema brasileiro. (Nota da *IHU On-Line*)

seus expoentes mais combativos, em plena ditadura militar.

O documentário relembra que foi D. Hélder o criador da Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), em 1952, uma das instituições mais ativas na denúncia das violações de direitos humanos dos anos 60 e 70. Lembra também que, na impossibilidade de cercear sua liberdade de ação, ou mesmo prendê-lo, os órgãos de repressão atingiram alguns de seus colaboradores mais próximos - como o padre Antonio Henrique Neto⁴⁰, morto misteriosamente em 1969. Além disso, estes mesmos órgãos proibiam os jornais de divulgar notícias sobre o arcebispo, numa ação de verdadeira censura.

Ameaçado de morte por diversos telefonemas e cartas, D. Hélder nunca se calava. Aproveitava, além disso, sua projeção internacional, que o levou a ser indicado ao Prêmio Nobel da Paz por três vezes. Segundo a versão sustentada pelo filme, em 1973, D. Hélder teria sido o vencedor na votação da comissão deliberativa do Nobel. Mas pressões e conveniências políticas teriam levado os organizadores a atribuir o prêmio daquele ano a Henry Kissinger⁴¹ e Le Duc Tho⁴², que haviam construído o acordo de paz que terminou a Guerra do Vietnã.

⁴⁰ **Antônio Henrique Neto:** Professor e especialista em problemas da juventude, desenvolvia atividades junto ao Arcebispo Dom Hélder Câmara. Coordena a Pastoral da Arquidiocese de Olinda e Recife. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴¹ **Henry Alfred Kissinger (1923):** diplomata estadunidense que teve um papel importante na política estrangeira dos EUA entre 1968 e 1976. Em 1938, devido às perseguições anti-semitas na Alemanha, emigrou com seus pais para os EUA. Serviu na Segunda Guerra Mundial, e recebeu o Ph.D. de Harvard em 1954, tornando-se instrutor na mesma universidade. Kissinger foi conselheiro para a política estrangeira de

Além de entrevistas do próprio D. Hélder, constam deste documentário depoimentos de diversos de seus amigos e colegas, como D. Mauro Morelli⁴³, D. Pedro Casaldáliga⁴⁴ e Leonardo Boff⁴⁵. É Boff quem lembra que

todos os presidentes dos EUA de Eisenhower a Gerald Ford, sendo o secretário de Estado, conselheiro político e confidente de Richard Nixon. Em 1973 ganhou, com Le Duc Tho, o Prêmio Nobel da Paz, pelo seu papel na obtenção do acordo de cessar-fogo na Guerra do Vietnam.

(Nota da *IHU On-Line*)

⁴² **Le Duc Tho (1910-1990)**: nasceu na província de Nam Ha, Vietnam. Em 1930, ajudou a estabelecer o partido comunista da Indochina. Le Duc Tho foi preso duas vezes por suas atividades políticas. Em 1945, Le Duc Tho retornou a Hanoi e juntou-se a Ho Chi Minh e Vo Nguyen Giap para estabelecer a Liga Revolucionária do Vietnam. Até 1954, ele era líder da Vietminh no Vietnam do Sul. Membro do Politburo do Partido dos Trabalhadores do Vietnam, foi responsável por organizar a rebelião contra o governo do Vietnam do Sul. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴³ **D. Mauro Morelli**: bispo emérito de Duque de Caxias. Artigos de D. Mauro Morelli podem ser conferidos no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). No dia 19-09-2006, publicamos *A morte dos mártires*, e no dia 18-09-2006, foi publicado *O dia Junto ao Trono do Cordeiro estão nossos mártires*. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁴ **D. Pedro Casaldáliga (1928)**: Nasceu em Balsareny, na Espanha. Dom Pedro Casaldáliga ingressou na Congregação Claretiana em 1943. Em 1968, mudou-se para a Amazônia e, em 1971, o Papa Paulo VI, o nomeou bispo de São Félix do Araquáia, no Mato Grosso. Adepto da Teologia da Libertação, tem como lema "Nada possuir, nada carregar, nada pedir, nada calar e, sobretudo, nada matar". É poeta, autor de várias obras. No ano 2000, foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Estadual de Campinas. No sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), pode ser conferida a entrevista com D. Pedro Casaldáliga, publicada no dia 06-04-2007, intitulada '*A cruz é fruto do maior amor*'. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴⁵ **Leonardo Boff (1938-)**: Teólogo brasileiro, da ordem dos franciscanos. Foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro *Igreja: carisma e poder - ensaios de eclesiologia militante* (3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982), foi submetido a um processo pela ex-Inquisição em Roma, na pessoa do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Em 1985, foi condenado a um ano de "silêncio obsequioso" e deposto de todas as suas funções. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, retornou a elas em 1986. Em 1992, sendo outra vez pressionado com novo "silêncio obsequioso" pelas autoridades de Roma, renunciou às suas atividades de padre. Continuou como teólogo da libertação, escritor e assessor das comunidades eclesiais de base e

o Papa João Paulo II em determinado momento cerceou as muitas viagens de D. Hélder pelo mundo. "A igreja institucional não encontrou lugar para seu dom de profeta", critica o teólogo, ex-religioso e que foi ele mesmo alvo de censura na época do antigo papa.

Entre as imagens raras e inéditas do carismático arcebispo, estão algumas de suas conferências na Europa, onde ele se expressava em francês fluente. Algumas delas foram cedidas especialmente por um antigo colaborador de D. Hélder, Frans Moren, diretamente de seu arquivo pessoal.

de movimentos sociais. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. (Nota da *IHU On-Line*)

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 02-07-2007 A 08-07-2007

Transposição do Rio São Francisco: existem outros caminhos mais abrangentes, eficientes e baratos

Roberto Malvezzi (Gogó)

Confira nas *Notícias do Dia* 02-07-2007

Roberto Malvezzi (Gogó), teólogo que atua na Comissão Pastoral da Terra, apresenta outras propostas para o semi-árido brasileiro do que a da transposição. Para ele, as propostas seguem em duas linhas: para o meio rural, defende a captação da água da chuva tanto para beber quanto para produzir. No meio urbano, defende a implantação das obras do Atlas do Nordeste.

O ontem e o hoje em Caio Fernando Abreu

Ana Maria Cardoso

Confira nas *Notícias do Dia* 03-07-2007

Após concluir a tese *Caio Fernando Abreu: o entre-lugar de cartas e contos*, a professora Ana Maria Cardoso diz que a expressão literária do autor demonstra o impacto das forças sócio-históricas dos anos 1970.

'O jornalismo imparcial é uma utopia'

Isabel Travancas

Confira nas *Notícias do Dia* 4-7-2007

Isabel Travancas, doutora em Letras, afirma que as reações dos jovens, ao assistir o noticiário, não é passiva.

Ela ressalta que todos sentem amor ou ódio, “no entanto, jamais indiferença”. A pesquisa resultou no livro *Juventude e Televisão* (Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007).

Indústria da celulose no Rio Grande do Sul: desenvolvimento insustentável

Luiz Rampazzo

Confira nas *Notícias do Dia* 05-07-2007

Para o ecologista Luiz Rampazzo, as empresas de celulose, localizadas no Rio Grande do Sul, causam um impacto ambiental imenso no Estado.

Reforma política. Equívocos e oportunidades

Márcio Nuno Rabat

Confira nas *Notícias do Dia* 06-07-2007

Para Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados Márcio Nuno Rabat, o problema da reforma política está na fragilidade dos partidos. Na entrevista, Rabat traça um panorama histórico do tema da reforma política no Brasil.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

“Biocombustíveis são maior ameaça à diversidade na Terra”

Lester Brown

Confira nas *Notícias do Dia* 02-07-2007

Para o ambientalista Lester Brown, a demanda crescente de biocombustíveis é a maior ameaça à diversidade biológica do planeta. Segundo ele, a utilização de grãos, a fim de se gerar combustíveis para os automóveis, será uma ameaça para os pobres. Ele afirma que até o fim de 2008, 30% da colheita de grãos será destinada às usinas de álcool.

A construção dos símbolos nacionais. O caso do Brasil e dos Estados Unidos

Matthew Shirts

Confira nas *Notícias do Dia* 02-07-2007

Em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 2-7-2007, Matthew Shirts, ao discutir os símbolos nacionais, diz que o futebol é um dos principais símbolos do Brasil, capaz de unir a população.

A morte de 'NoMínimo' (2002-2007)

Pedro Doria

Confira nas *Notícias do Dia* 02-07-2007

Em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 2-7-2007, Pedro Doria comenta o fechamento do site *NoMínimo*, que ficou no ar durante 5 anos e 1 mês. Sobre a mídia online ele afirma: “um dia a internet dará dinheiro suficiente para pagar-lhe o jornalismo”.

'O governo Lula está ainda mais à direita que no primeiro mandato'

João Pedro Stedile

Confira nas *Notícias do Dia* 03-07-2007

Em entrevista à revista *Época*, o integrante do MST, João Pedro Stedile disse que o projeto, pelo qual o grupo lutou, se esgotou porque as elites brasileiras deixaram de defender um projeto de industrialização nacional.

Em defesa da alegria. Um comentário sobre o último livro de José M. Castillo

Juan G. Bedoya

Confira nas *Notícias do Dia* 04-07-2007

Juan G. Bedoya, em artigo publicado no jornal *El País*, em 30-6-2007, descreve o teólogo ex-jesuita, Castillo, como irredutível. E destaca que Castillo goza do triste privilégio de ter sido uma das primeiras vítimas do inquisidor Ratzinger.

'Apenas cumpri ordens dos meus carcereiros'

José Anselmo dos Santos

Confira nas *Notícias do Dia* 05-07-2007

O Cabo Anselmo, que ajudou a derrubar o presidente João Goulart, hoje, aos 65 anos, vive sob identidade falsa, e em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 5-7-2007, diz que na época colaborou com a polícia para não morrer.

Brasil não sabe lidar com a Amazônia

Ennio Candotti

Confira nas *Notícias do Dia* 06-07-2007

Os desastres ecológicos causados pelas hidrelétricas e o avanço da faixa de desmatamento estão causando as piores projeções para a região da Amazônia. Essa é a constatação do físico Ennio Candotti, que até quinta-feira, 12-7-2007, é presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). A entrevista foi concedida ao jornal *Valor*, em 6-7-2007.

Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS *NOTÍCIAS DO DIA* NO SÍTIO DO IHU.

Câmbio

"As pessoas falam do câmbio como se o presidente pudesse inventar um número mágico e dizer: 'O dólar vai valer tanto'" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 03-07-2007.

Ódio

"O mundo odeia aos EUA ou somente a mim?" - **George W. Bush**, presidente dos EUA a um grupo de intelectuais - *Clarín*, 03-07-2007.

Renan

"Fazer mais o quê? A não ser sair no tapa" - **Jarbas Vasconcelos**, senador (PMDB-PE), diante da teimosia de Renan em permanecer na presidência do Senado - blog de **Ricardo Noblat**, 04-07-2007.

"Se Vossa Excelência ganhar na marra e derrotar todos os partidos, não é vitória. Esse processo se normaliza se Vossa Excelência se licenciar, com aplauso desta Casa. Quem vai decidir é Vossa Excelência. Quer ficar? Fica, mas não é o melhor para Vossa Excelência" - **Pedro Simon**, senador (PMDB-RS) - *O Estado de S. Paulo*, 04-07-2007.

"Estou no purgatório, de volta ao calvário do conselho, mas não perdi as condições de continuar na presidência" - **Renan Calheiros**, presidente do Senado - *O Estado de S. Paulo*, 04-07-2007.

"O estilo daqui-não-saio, daqui-ninguém-me-tira, é uma reação que contraria o senso, o bom-senso e o consenso nacional. Renan, hoje, é um motivo de vergonha nacional. O Brasil não merece isso. Ou

merece?" - **Ricardo Noblat**, jornalista - no seu blog, 03-07-2007.

"Setores da mídia, que não conseguiram derrubar o presidente Lula, agora querem ir à forra, querem ir ao terceiro turno, derrubando o presidente do Senado Federal" - **Renan Calheiros**, presidente do Senado - *Folha de S. Paulo*, 05-07-2007.

"Bastou os petistas ensaiarem uma certa "independência" no Senado para que Renan cobrasse a fatura de sua fidelidade a Lula" - **Paulo Delgado**, deputado federal - PSB-MG, sobre a tentativa do presidente do Senado de associar seu calvário no Conselho de Ética a um suposto complô para enfraquecer a base aliada de Lula - *Folha de S. Paulo*, 06-07-2007

Roriz

"Eu falei pra você... Falei ou não falei? Você não deveria ter continuado com essa história de política. Já fez tudo que podia fazer. Não precisava passar por mais esse constrangimento" - **Weslian Roriz**, em conversa com o marido Joaquim Roriz, senador (PMDB-DF) na noite antes do dia da renúncia - blog de **Ricardo Noblat**, 04-07-2007.

"Conversei com Deus. E ele me disse que haverá uma saída para o meu caso" - **Joaquim Roriz**, senador (PMDB-DF) antes de renunciar ao seu mandato - blog de **Ricardo Noblat**, 04-07-2007.

"A gente de Brasília, os humildes aos quais nunca faltei com meu carinho e assistência - o povo, enfim- haverá de

me entender” - **Joaquim Roriz**, senador (PMDB-DF), na carta de renúncia - *O Estado de S. Paulo*, 05-07-2007.

”Eu voltei para o lado do povo, onde sempre estive. Voltei para a planície para ficar junto do meu povo fiel e leal. Meu coração está partido, de um lado, com a traição; mas do outro, o dever de lutar pelo meu povo” - **Joaquim Roriz**, senador, PMDB-DF, pedindo a seus simpatizantes que reajam sem violência ou agressão à sua renúncia, em discurso que lembrou o de **José Dirceu** no dia que renunciou ao cargo de ministro-chefe da Casa Civil, em junho de 2005, acusado no mensalão. À época, o petista também usou o termo 'planície': Eu sei lutar na planície e no planalto, e tenho humildade para voltar para meu partido como militante, para voltar para a Câmara como deputado” - *O Estado de S. Paulo*, 08-07-2007.

Pecuária

“A hipótese mais popular informa que a pecuária está entre os meios mais eficazes para lavagem de dinheiro. Uma coisa, porém, é inequívoca: com tanto boi na linha, a Receita Federal bem que poderia se mexer, não?” - **Ricardo Noblat**, jornalista, no seu blog, 04-07-2007.

Rabino

“Eu sou o rabino mais mimado do Brasil” - **Henry Sobel**, rabino, respondendo a Paulo Maluf que dissera “O senhor tem a solidariedade de todo Brasil” - *Folha de S. Paulo*, 04-07-2007.

Gol

“As companhias aéreas não têm reserva para suportar qualquer coisa de errado. Os aviões ficam sem piloto - porque vence o tempo da tripulação - os pilotos ficam sem avião, porque ninguém consegue controlar a manutenção. É o caos. Por outro lado, você não pode querer que uma companhia de ‘low cost’ (baixo custo),

que serve barra de cereal, tenha esse tipo de formalidade: pilotos de reserva, aviões de reserva, combustíveis de reserva” - **José Carlos Pereira**, presidente da Infraero - *Zero Hora*, 04-07-2007.

Moralismo

“O telespectador das novelas está mais moralista. Acho que como o mundo está um terror, as pessoas querem exercitar a justiça na ficção. Os vilões, que na vida real quase sempre se dão bem, têm de ser punidos na novela” - **Jorge Fernando**, diretor de novelas - *O Estado de S. Paulo*, 04-07-2007.

Chávez no Mercosul

“Se Chávez quer retirar-se do bloco, a diplomacia do Brasil não deve fazer nenhum gesto para demovê-lo da idéia” - editorial do jornal *Folha de S. Paulo*, 05-07-2007.

Etanol

A fome no meu País diminuiu no mesmo período em que aumentou o uso de biocombustíveis” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 06-07-2007.

“Os europeus não pagarão mais para adquirir biocombustíveis se o etanol que move seus automóveis provier da queima de campos e cultivos. Tão pouco se se produz à custa da selva amazônica” - **Peter Mandelson**, comissário europeu para o comércio - *El País*, 06-07-2007.

“A produção de cana ocupa 0,4% do território nacional. Essa região fica muito longe da Amazônia, que não se presta a esse plantio” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 06-07-2007.

“Os europeus amam Lula. Ele é de esquerda, mas de uma esquerda pragmática, que soube proteger seu poderoso país contra os desvios da Venezuela, Bolívia...” - **Gilles Lapouge**, jornalista francês - *O Estado de S. Paulo*, 06-07-2007.

Pavorotti

“Meu pai Luciano sabe que vai morrer logo. Nas nossas conversas ele fala seguidamente do seu maior desejo: reunir-se com seus pais e encontrar finalmente a paz” - **Giuliana Pavarotti**, filha do tenor italiano Luciano Pavorotti, 72 anos, com câncer de pâncreas - *El País*, 04-06-2007.

Economia solidária

“Pessoas pequenas, fazendo coisas pequenas, em um lugar pequeno, podem mudar o mundo” - Irmã **Lourdes Dill**, coordenadora do projeto Esperança/Coesperança de Santa Maria - *A Razão*, 07-07-2007.

A volta do missal de Pio V

“Hoje é um dia de luto, não somente para mim, para tantos que viveram e trabalharam para o Concílio Vaticano II. Hoje foi cancelada uma reforma para a qual trabalharam tantas pessoas, pagando o preço de grandes sacrifícios, animados somente pelo desejo de renovar a Igreja” - **Luca Brandolini**, bispo de Sora-Aquino-Pontecorso e membro da Comissão Litúrgica da Conferência Episcopal Italiana - CEI - ao comentar o Motu proprio “Summorum Pontificum” de Bento XVI que autoriza a volta do missal de Pio V - *La Repubblica*, 08-07-2007.

“Hoje é o momento mais triste da minha vida de sacerdote, de bispo e de homem” - **Luca Brandolini**, bispo de Sora-Aquino-Pontecorso e membro da Comissão Litúrgica da Conferência Episcopal Italiana - CEI - ao comentar o Motu proprio “Summorum Pontificum” de Bento XVI que autoriza a volta do missal de Pio V - *La Repubblica*, 08-07-2007.

“Este texto é capaz de acordar velhos demônios e alguns católicos se perguntarão se ele não constitui um abandono do Concílio Vaticano II” - **Claude Dagens**, bispo de Angoulême, na França, comentando o Motu proprio de Bento XVI sobre o missal de Pio V - *Le Monde*, 08-07-2007.

“Sem dúvida, ele (o Motu proprio de Bento XVI) vai agravar as divisões. Eu compreendo as exigências de unidade, mas é preciso que alcancemos a unidade sem instrumentalizar a liturgia” - **Claude Dagens**, bispo de Angoulême, na França, comentando o Motu proprio de Bento XVI sobre o missal de Pio V - *Le Monde*, 08-07-2007.

“O risco entre os fiéis é real. Para alguns, requerer a missa em latim será como uma bandeira destinada a testar a fidelidade do sacerdote para com o papa” - **Jean- Pierre Ricard**, arcebispo de Bordeaux - *Le Monde*, 08-07-2007.

China

Sou otimista em relação às perspectivas econômicas da China, mas pessimista quanto a qualquer solução rápida da poluição chinesa. Os custos serão altos em termos de mortes ligadas a questões ambientais, em termos de custos médicos no futuro, mas eu não vejo uma solução imediata para isso” - **Dong Tao**, economista chinês do Credit Suisse em Hong Kong - *O Estado de S. Paulo*, 08-07-2007.

Cristo Redentor

“Cá para nós, o Cristo Redentor ser uma das maravilhas, em um concurso em que ficaram de fora a Acrópole de Atenas, a Torre Eiffel, o Kremlin, a Estátua da Liberdade, a Capela Sistina, é demais” - **Luís Nassif**, jornalista - no seu blog, 08-07-2007.

Análise de Conjuntura

A página do IHU - www.unisinos.br/ihu - publica diariamente, durante os sete dias da semana, as Notícias Diárias e a Entrevista do dia.

É um serviço disponibilizado para quem se interessa em acompanhar os principais fatos e acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e religiosos da contemporaneidade.

A partir desse serviço, o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, parceiro estratégico do IHU, elabora uma análise da conjuntura, em fina sintonia com a missão e as linhas estratégicas do IHU, elaborados no Gênese, Missão e Rotas, disponível na página do Instituto.

A última análise é do dia 04-07-2007 e pode ser acessada no endereço www.unisinos.br/ihu

A próxima análise estará disponível no final da tarde de terça-feira e será comunicada na newsletter enviada aos cadastrados na quarta-feira.

Para se cadastrar na página do IHU clique no item IHU por e-mail

Eventos

Agenda da semana

NO MÊS DE JULHO, A AGENDA DE EVENTOS DO IHU É, COSTUMEIRAMENTE, BEM ENXUTA. A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - WWW.UNISINOS.BR/IHU

Dia 9-7-2007

Violências e saúde coletiva

Prof. Dr. Hugo Spinelli - Universidad Nacional de Lanus, Argentina

Sala 1G119 - IHU - 14h às 15h30min

Perfil Popular

Graziele Gonçalves

Graziele Gonçalves tem apenas 19 anos. Mas já assumiu o papel de mãe dos dois irmãos mais novos e do seu próprio filho, um bebê de três meses. A vida lhe ensinou muitas coisas: aprendeu muito com a dor pela perda da mãe, com a alegria de gerar uma vida e com o convívio com algumas pessoas que ainda lhe fazem acreditar no ser humano. Leia, a seguir, a história de vida e a visão de mundo desta jovem que mora na Vila São Jorge, de São Leopoldo.

Graziele nasceu em São Leopoldo, no Hospital Centenário. Ela conta que sua infância não foi muito boa, porque “a mãe passava muito trabalho com o pai”. “Ele bebia, batia nela. É o que eu me lembro. Eu era a caçula dele. Ele batia nos meus irmãos, mas em mim não. Em compensação, meus irmãos passavam trabalho nas mãos dele.” Graziele tem uma irmã mais velha, que já é falecida, um irmão mais velho, que mora na rua, e dois irmãos mais novos, que ela cuida e cria: Maurício, de 8 anos, e Julia, de 7. Os pais dela já faleceram. O pai há cerca de 5 anos e a mãe há um ano. Atualmente, Graziele mora na Vila São Jorge, em São Leopoldo, com o marido, os dois irmãos pequenos e o único filho, Isak, de 3 meses. “Meu marido se chama Josimar, mas é conhecido como Robô, porque ele caminhava como um robzinho quando era pequeno. Ele é de Sapucaia, mas veio morar comigo aqui em São



Leopoldo. A gente se conheceu no ‘som’, lá em Sapucaia. Estamos juntos há dois anos.” Josimar é servente de pedreiro, em São Leopoldo. Eles moram na casa que era da família de Graziele. Ela está desempregada. “Às vezes, eu faço faxina na casa de uma conhecida minha. Fiz curso de manicure também e faço as unhas dela de vez em quando”, explica.

Momentos marcantes - A mãe de Isak estudou até a sétima série do ensino fundamental, mas pretende continuar os estudos assim que for possível. “Quero fazer supletivo”, diz. Ela relembra os melhores e piores momentos de sua vida: “O que de melhor na vida me aconteceu foi meu filho e meu marido. E, para completar, meus irmãos morando comigo. De ruim, é que na hora do parto eu quase perdi ele. Também foi triste quando minha mãe faleceu. O

Isak é uma alegria na minha vida. É bom ser mãe, porque eu dou bastante carinho, não fico sozinha”, descreve. O momento mais difícil da sua vida foi quando a mãe estava no hospital. “Eu fiquei cuidando dela até os últimos dias de vida. Pensei que a gente ia vencer, mas não conseguimos, porque ela faleceu.”

Fé - Graziele não vai à igreja e conta que não segue nenhuma religião. Mas sempre acreditou em Deus, porque “tudo o que eu peço pra Ele a maioria das coisas Ele me consegue. Quando eu fecho os olhos e peço, daqui a alguns dias sempre vem. Não é tudo aquilo, mas é um pouco do que eu peço. Esses dias eu pedi meu banheirinho. E tô conseguindo, já estamos fazendo nosso banheiro”, conta. Agora, a família pretende fazer uma casa nova. “É que onde nós moramos é de madeira e é muito fria, tem muito buraco, sabe? As tábuas estão apodrecendo e estamos tentando fazer uma casa de tijolos, que é melhor né?”, explica.

Sonhos - Sonhos? A jovem de 19 anos responde: “Não sei”. Mas, depois pensar por um tempo, ela consegue sonhar: “Acho que um sonho é ver meus irmãos criados, bem, estudando e eu ter uma qualidade de vida melhor, com uma casa minha, bem ajeitada, meus irmãos também bem ajeitados, estudando, trabalhando. Eu gostaria de trabalhar como manicure ou, se eu terminar os estudos, conseguir um serviço bem melhor. Eu queria fazer Recursos Humanos, mas cinco anos de faculdade é muita coisa”.

A jovem e o marido Josimar vivem bem, apesar das dificuldades. Grazi conta que a família dele mora em Sapucaia e “tem uma casa enorme”, mas mesmo assim o rapaz veio ficar com ela. “Ele não

precisava trabalhar e está trabalhando para sustentar eu e meus irmãos. Eu falei com ele que não precisava disso, que ele podia ficar lá com o pai dele e vir, às vezes, dar uma pensão pro filho dele, o Isak. Mas ele não quer, ele quer ficar comigo. Eu perguntei se ele não se sente mal morando ali, com a gente. E ele disse que não. Adotou a gente como família dele.” Os irmãos pequenos, Maurício e Julinha, estão estudando. “Ainda estamos nos acostumando a morar juntos. Com o Maurício a adaptação está sendo mais difícil porque ele quer andar na rua e a gente não deixa. Mas agora ele está seguindo as normas.” Graziele não tem contato com seu outro irmão, mais velho, que mora na rua. E explica a razão: “ele anda meio louco, por causa das drogas”. Pensando no futuro do pequeno Isak, Grazi deseja que ele termine os estudos, arrume um emprego e seja feliz. “Ser feliz é ter alguém ao lado, um serviço bom, e ter amigos” esclarece ela. Ao falar de política, Grazi é enfática: “Político é só por ter mesmo. Eles não têm culpa do mundo ser assim do jeito que é, né? Mas acho que é muito político e pouca ação”.

Graziele conheceu as irmãs Cristina Giani e Ana Formoso, da Comunidade Missionária do Cristo Ressuscitado, de São Leopoldo, no Colégio Amadeu Rossi, onde faz serviço voluntário aos sábados, ajudando a descascar frutas e verduras. Esse convívio fez com que Grazi não deixasse de acreditar e confiar nas pessoas. “Sempre tem algum ser humano bom. Como o meu marido. Eu acredito nele. E acredito nas irmãs também; elas são muito boas. Foi um anjo que enviou elas. Elas tentam ajudar as pessoas para que cresçam. Elas me ensinaram a amar o próximo e isso é importante”, constata.

IHU REPÓRTER

Eder Paulo Miotto

Ele vive no mundo dos cálculos, mas faz de sua profissão um meio para fazer deste mundo um lugar melhor. O professor Eder Paulo Miotto, das Ciências Contábeis da Unisinos, abriu o livro da sua vida para a redação da revista IHU On-Line. Confira, a seguir, os principais passos da trajetória deste gaúcho nascido em Severiano de Almeida, mas que hoje já se considera cidadão leopoldense.



Origens e família - Minha terra natal se chama Severiano de Almeida, que fica perto de Erechim. Meus pais e toda minha família eram de agricultores: viviam da lavoura. O pai e a mãe moram lá até hoje. Tenho uma irmã mais velha, que mora em Erechim. Saí de casa cedo, para estudar num colégio interno em Sertão, próximo a Passo Fundo. É uma escola agrotécnica para rapazes. Fiquei três anos lá, dos 15 aos 18 anos. Ia para casa uma ou duas vezes por mês, para passear. Depois disso, tive uma experiência de alguns meses no Paraná, em uma cooperativa, aplicando os conhecimentos adquiridos na escola agrotécnica.

Formação - Quando terminei o ensino médio no colégio interno, voltei para casa, prestei vestibular e ingressei na faculdade de Ciências Contábeis na Universidade Regional Integrada (URI), de Erechim. Sempre gostei da área empresarial e de finanças. Em 2000 entrei para o mestrado em Ciências Contábeis, na Unisinos, concluído em 2002.

Trabalho - Comecei minha vida profissional em 1992. Meu primeiro emprego formal foi no Hospital de Caridade, de Erechim. Trabalhei um tempo no Pronto-Socorro, uma experiência interessante, onde se via de tudo. Logo em

seguida, passei para o setor administrativo do Hospital. Nesse meio tempo eu ainda estudava. Então, me mudei para Erechim, para a casa da minha irmã, para não precisar mais viajar todos os dias. A partir disso, as coisas começaram a evoluir e passei a receber vários convites de trabalho. Depois de dois anos e meio trabalhando no hospital, um professor do curso da graduação me convidou para trabalhar em uma revenda de automóveis, onde tive a oportunidade de mergulhar na área financeira. Lá, fiquei por mais três anos. Quando concluí a graduação, um novo convite surgiu: assumir o departamento contábil de uma indústria. Foi quando botei o pé na minha profissão definitivamente. É o grupo empresarial e familiar Ouro Verde, composto por indústrias de erva-mate, embalagens, papel entre outros. Mais ou menos na mesma época, um de meus professores da graduação, que é meu amigo até hoje, me indicou para ocupar uma vaga que ele estava deixando: a de professor no curso técnico em contabilidade da Escola Técnica Instituto Barão do Rio Branco, de Erechim, uma escola anglicana. Um mês depois da minha formatura, no início de 1996, comecei a lecionar. Foi aquele susto: “como assim dar aulas?”, eu pensei. Depois do período de adaptação e das “dores de barriga” iniciais, achei muito bom que isso aconteceu, pois nunca mais parei de lecionar,

desde então. Trabalhei durante um tempo em uma indústria de fundição, na controladoria. Alguns anos depois, já durante o mestrado, surgiu o convite para lecionar na PUCRS, onde trabalhei até 2004, quando assumi mais atividades na Unisinos. Esse tempo todo, paralelamente, prestava consultoria a algumas empresas, o que faço até hoje. Em 2001, a Unisinos me chamou para trabalhar em seu programa de extensão e em 2002 passei a lecionar na Universidade, nas disciplinas que envolvem as áreas de contabilidade, finanças e custos. Desde 2005, coordeno o MBA em Controladoria. Ser professor é ter certeza de que a gente aprende mais do que ensina.

Casamento e planejamento familiar - Casei-me em março de 2001 com a Genossi, que é conhecida como “Ge” e é de Erechim. Nos conhecemos na faculdade, em 1995. Moramos por três meses na nossa casa nova, em Erechim, quando surgiu o convite para eu trabalhar na Unisinos. Não pensamos duas vezes: viemos para São Leopoldo, vendemos a casa e compramos um apartamento no Bairro Rio Branco, onde moramos hoje. A Ge também fez mestrado em Ciências Contábeis na Unisinos. Hoje ela leciona em uma faculdade em Cachoeirinha. Ter filhos é nosso próximo projeto. Queremos constituir uma família.

Autor - Eliyahu M. Goldratt.

Livro - *A Meta. Um processo de melhoria contínua*, de Eliyahu M. Goldratt e Jeff Cox.

Filme - *Um sonho de liberdade*, com Tim Robbins e Morgan Freeman.

Lazer - Gosto das longas caminhadas com a Ge nos fins de semana, e ler as revistas que assino.

Política e Brasil - Lamentavelmente, nosso país não está aproveitando o momento econômico global. Está

deixando o trem passar. É difícil falar em competência de gestão, porque nunca estive dentro do governo para saber como é. Mas, de qualquer forma, sabemos que o País poderia estar se desenvolvendo muito mais rápido se conseguíssemos adequar o nosso modelo de gestão pública. Isso daria mais credibilidade ao País. Me preocupo com essa questão da perda da oportunidade do crescimento econômico. Acredito que isso poderia ser uma forma de acelerar as melhorias sociais.

Sonhos e planos - Além da idéia de colocar em prática o planejamento familiar, sonho em conseguir criar uma situação estável de vida, poder continuar atuando na docência, seguir aprendendo com isso e poder evoluir nessa área de gestão de empresas. Além de uma forma de me sustentar, o que me cativa no meu trabalho é saber que estou contribuindo para a formação de pessoas. Da mesma forma, quando consigo contribuir para o sucesso de uma empresa também é gratificante. Também sonho com uma sociedade em que a gente não precise se preocupar a cada vez que sai na rua. Seria ótimo ver pelo menos parte dos problemas sociais resolvidos. Tenho como missão fazer a minha parte para contribuir nessa luta pela melhoria do mundo.

Unisinos - O ambiente aqui é muito bom, a Universidade me cativou, em todos os sentidos, tanto pelo ambiente físico quanto pela relação com as pessoas. Aqui paira o clima de liberdade com responsabilidade. Aprendemos muito os valores que a instituição transmite. É muito bom trabalhar aqui.

Instituto Humanitas Unisinos - O Humanitas é a cara da doutrina da Unisinos e dos princípios que a Universidade defende. O vejo como um instituto do desenvolvimento dos valores humanos dentro da Unisinos. Mesmo a distância, acompanhamos as suas atividades. Ainda temos muito a aproveitar do IHU.